

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTES E COMUNICAÇÃO SOCIAL
GRADUAÇÃO EM PRODUÇÃO CULTURAL

CAROLINE FERREIRA BARBOSA

**MEDIAÇÕES E REPRESENTAÇÕES NA FAVELA: O CASO DO
CENTRO DE ARTES DA MARÉ**

RIO DE JANEIRO

2014

CAROLINE FERREIRA BARBOSA

**MEDIAÇÕES E REPRESENTAÇÕES NA FAVELA: O CASO DO
CENTRO DE ARTES DA MARÉ**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Produção Cultural, da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial das exigências para obtenção do grau de bacharel.

Orientadora: Prof.^a Ms. Maria Teresa Mattos de Moraes

RIO DE JANEIRO

2014



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTE E COMUNICAÇÃO SOCIAL
COORDENAÇÃO DA GRADUAÇÃO EM PRODUÇÃO CULTURAL - GGR

ATA DE APRESENTAÇÃO DE TRABALHO FINAL DO CURSO DE PRODUÇÃO CULTURAL

IDENTIFICAÇÃO DO TRABALHO

Nome do Candidato:
CAROLINE FERREIRA BARBOSA

Matrícula: **210.33.055**

Título do Trabalho:
MEDIAÇÕES E REPRESENTAÇÕES NA FAVELA: O CASO DO CENTRO DE ARTES DA MARÉ

Orientador: **Me. Maria Teresa Mattos**

Categoria: **Monográfica**

Data da Apresentação: **12.12.2014**

BANCA EXAMINADORA

1º Membro (Presidente): **Me. Maria Teresa Mattos de Moraes**

2º Membro: **Dr. Luiz Augusto Fernandes Rodrigues**

3º Membro: **Dr. Wallace de Deus Barbosa**

AVALIAÇÃO:

Análise / Comentário

A banca destaca a escolha do tema e a potencialidade do território estudado. Elogia a estruturação do trabalho e a apresentação do mesmo. A banca sugere desdobramentos futuros da pesquisa em estudos de pós-graduação.

Nota Final (média dos três integrantes da Banca Examinadora):

10 (dez)

ASSINATURAS *Leandro de Deus*
1º Membro (Presidente)

[Assinatura]
2º Membro

[Assinatura]
3º Membro

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Central do Gragoatá

B238 Barbosa, Caroline Ferreira.

Mediações e representações na favela: o caso do Centro de Artes da Maré / Caroline Ferreira Barbosa. – 2014.

54 f. ; il.

Orientadora: Maria Teresa Mattos de Moraes.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Produção Cultural) – Universidade Federal Fluminense, 2014.

Bibliografia: f. 51-53.

1. Mediação. 2. Representação social. 3. Identidade. 4. Favela.
I. Moraes, Maria Teresa Mattos de. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de Arte e Comunicação Social. III. Título.

CDD 307.3364

Dedico este Trabalho de Conclusão de Curso a minha mãe Cristina, inspiração constante de vida e maior incentivadora de meus estudos. Exemplo de luta, competência, caráter, coragem, entre tantas outras qualidades que me fazem orgulhar de ser sua filha. Por ter se dedicado de forma incondicional em minha formação pessoal e profissional.

AGRADECIMENTOS

À minha família pelo suporte, incentivo e pelas alegrias dadas ao longo dos estudos da graduação.

A minha mãe, Cristina, sempre guerreira, pelo cuidado, carinho, apoio e amor incondicionais, por acreditar em mim e por me ensinar a não desistir, mas sim, persistir em meus objetivos, enfim, pelo exemplo de vida. Te amo.

Aos meus amigos de faculdade e também de fora dela, que fizeram dos momentos passados na graduação mais alegres.

Ao meu companheiro Victor e sua família, pelo incentivo, apoio, ajuda técnica, pela paciência, e tempo doados com carinho durante todo este período

À Prof.^a Ms. Maria Teresa Mattos de Moraes, não só pelas horas disponibilizadas na orientação, pela confiança e credibilidade, mas também pela consideração e apreço.

Aos Professores Dr. Luiz Augusto Rodrigues e Dr. Wallace de Deus Barbosa, pela disponibilidade e contribuições ao longo do curso e por fazerem parte da banca deste trabalho.

Aos professores, gestores e amigos da Produção Cultural, e à UFF, por ter me acolhido de braços abertos e ter me proporcionado grandes momentos que levarei para minha trajetória profissional.

Agradeço especialmente a Lia Rodrigues, por ter disponibilizado seu tempo e pela gentileza em contribuir significativamente para a realização deste trabalho.

A equipe do Centro de Artes da Maré, por terem me recebido com muito carinho no espaço, em especial aos colegas de trabalho, pela troca, parceria e amizade desenvolvidas durante os projetos que realizamos no CAM.

A Juliana Rodrigues, pelo exemplo de competência e profissionalismo.

A Deus que nos deu a vida e sem o qual nada seria possível e todas as energias e divindades presentes na natureza, que inspiram e movimentam a minha vida.

Enfim, a todos que de alguma forma contribuíram para realização desse trabalho.

É, mas eu sou favela/ E posso falar de cadeira/ Minha
gente é trabalhadeira (...)Só tem gente humilde,
marginalizada/ E essa verdade não sai no jornal./ A favela
é um problema social.

Eu sou Favela (1994)

Noca da Portela e Sérgio Mosca

RESUMO

Apesar de constituir um espaço dotado de valores, identidades e culturas heterogêneas, a favela da Maré é amplamente identificada por um olhar conduzido pelo viés da violência e da ausência. Neste trabalho de conclusão de curso aprofundaremos os estudos das ações desenvolvidas no Centro de Artes da Maré (CAM), que contribuem significativamente com a quebra destes estigmas, através da mediação deste espaço cultural. O CAM, enquanto um equipamento cultural, conseguiu extrapolar seus objetivos iniciais, no campo das ações culturais e se destaca como um ponto de referência para os moradores da região. E através de uma metodologia de diálogo, permite que sejam traçadas e construídas uma imagem ressignificada da favela.

Palavras-chave: Mediação, Representação, Identidade, Ressignificação, Favela.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Mapa de ruas da Maré (2012)	16
Figura 02 –População residente em aglomerados subnormais - IBGE	25
Figura 03 – Gráfico de análise da representação das favelas nos jornais <i>O Globo, Extra e Meia-Hora</i>	30
Figura 04 – Centro de Artes da Maré antes das reformas	42
Figura 05 – Centro de Artes da Maré antes das reformas	42
Figura 06 – Centro de Artes da Maré antes das reformas	42
Figura 07 – Centro de Artes da Maré antes das reformas	42
Figura 08 – Centro de Artes da Maré atualmente	42
Figura 09 – Fachada do Centro de Artes da Maré atualmente	42

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. NOVA HOLANDA - FAVELA QUE ME VIU NASCER	15
1.2 Breve histórico de ocupação deste território	15
2. O MORRO PRA UNS E OUTROS - TERRITÓRIOS IDENTIDADES E REPRESENTAÇÕES DA FAVELA	21
3. O CENTRO DE ARTES DA MARÉ – UM CAMINHO PARA A RESSIGNIFICAÇÃO DA FAVELA	34
CONCLUSÃO	47
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	51
APÊNDICE	54

Introdução

As favelas enquanto parte da cena urbana do Rio de Janeiro, provocam impressões diversas sobre a sua existência. Quando se diz respeito à elite da sociedade, estes espaços marginalizados são tratados apenas como um problema, como podemos observar na letra da música de Noca da Portela “Eu sou Favela” utilizada aqui como epígrafe.

A literatura acadêmica produzida sobre estes espaços já demonstrava uma imagem negativa, num universo que era visto como algo a ser eliminado da cidade. Registrando a favela como áreas de habitações irregularmente construídas, sem arruamentos, sem plano urbano, sem esgoto, sem água, sem luz, ou seja, um espaço de ausência, de carência e que guardava em seu interior um perigo constante para a sociedade, uma vez que era habitada por “vagabundos”, “malandros”, “gente perigosa”, um refúgio para criminosos e desertores. Nesta esfera, não só o espaço da favela foi estigmatizado, mas também seus moradores.

Alba Zaluar e Marcos Alvito (2006), no importante trabalho Um século de favela, apresentam um dualismo que percorre as interpretações deste território. Os autores apresentam um levantamento histórico das diversas concepções sobre o território em questão. As narrativas percorrem discursos que partem desde registros oficiais, em que a maioria das definições está pautada na precariedade urbana, insegurança e outras questões que fizeram com que o imaginário a favela fosse o lugar do “outro” da carência, do distante e do oposto. Por outro lado temos as análises que a descrevem como um lugar de forte criação cultural¹.

No dicionário de língua portuguesa, Aurélio Buarque de Holanda (1986:234, 762) define assim favela:

Favelas “Conjunto de habitações populares toscamente construídas (por via de regra, em morros) e desprovidas de recursos higiênicos. [Sin. morro(RJ)]”.

¹ Trabalhos como Solos Culturais de Jailson Souza e Silva e Jorge Barbosa e Caio Gonçalves Dias.

A concepção de favela baseada no recurso de suas características físicas não é gratuita, é o próprio reforço da concepção deste, como o lugar do “não”. Este entendimento é histórico e sofreu influências das “remodelações” que a cidade do Rio de Janeiro passou no início do século XX, com o intuito de transformar a capital da república em uma cidade europeia. Estes projetos de ordenamento da cidade eram pautados numa cidade ordenada pela lógica da discriminação racial, empurrando para o subúrbio os elementos considerados indesejáveis, acarretando no deslocamento da população urbana de baixa renda. Como afirma a historiadora Mônica Pimenta Velloso, na obra As Tradições Populares na Belle époque Carioca:

“No início do século, sob o governo Rodrigues Alves (1902-1906), assiste-se à implementação do projeto modernizador do Rio de Janeiro. Tal projeto implicaria na remodelação, higienização e saneamento da cidade, assim como na abertura de novas avenidas... A intenção era tornar o Rio uma “Europa possível”, e para isso era necessário esconder ou mesmo destruir o que significava atraso ou motivo de vergonha aos olhos das nossas elites. Vielas escuras e esburacadas, epidemias, becos mal afamados, cortiços, povo, pobreza destoavam visivelmente do modelo civilizatório sonhado.” (VELLOSO, 1988, p.11)

Com esta proposta de modernização, os moradores que foram removidos e sem ter outras opções de moradia, foram obrigados a construir suas próprias casas. Começou então a ocupação dos morros centrais. Com o passar dos anos, as zonas nobres foram se expandindo, o que culminou no crescimento de outras favelas.

Considerando as práticas sociais, as ideias e valores que dizem respeito à esta localidade, podemos afirmar que é questionável o discurso que diz respeito à favela apenas como o lugar do outro e da ausência. Tendo em vista que há uma pluralidade de culturas coexistentes, e que se afirmarmos as suas divisões, em que uma se fecha para a outra, estaríamos negando suas relações. As favelas possuem múltiplas representações, os discursos vão além das formas oficiais.

Este trabalho de pesquisa monográfica tem por objetivo refletir sobre representação da favela, a partir de práticas culturais que vão contribuir para a desconstrução de uma ideia de representação, que está vinculada à ausência. Considerando uma inquietação pessoal, o fato da favela ser sempre representada por meio de discursos em que prevalecem olhar estigmatizado,

ênfatizando sempre a violência e a ausência neste território. Na contramão destes discursos, nos apropriaremos de um equipamento cultural, localizado na Nova Holanda, para apresentar alguns aspectos diferenciais que puderam ser observados na programação e no desenvolvimento dos trabalhos propostos pelo Centro de Artes da Maré. O que mobilizou tal interesse foi o fato de poder fazer parte desta equipe, durante estes trabalhos, ao longo de dois anos, alinhado ao fato de ser moradora da Maré.

A metodologia de pesquisa adotada neste trabalho está baseada na leitura de textos. Autores como Stuart Hall, Jorge Luiz Barbosa e Jailson Souza e Silva serviram como suporte de referencial teórico para o desenvolvimento das reflexões que exploram a questão da representação e identidade, que são indispensáveis para este trabalho. A pesquisa foi realizada através da análise observacional, com visitas periódicas ao Centro de Artes da Maré e por conversas com moradores da região. Para fundamentar a questão da mediação, foram realizadas entrevistas com a bailarina e coreógrafa Lia Rodrigues, para compreender o papel e a relação da artista com este espaço cultural. Ainda se tratando da pesquisa para o desenvolvimento deste trabalho, foram reunidas informações de fontes como o IBGE, matérias de jornais e visitas a sites.

O primeiro capítulo irá apresentar a Nova Holanda, território em que está localizado o equipamento cultural utilizado como objeto de estudo deste trabalho. Buscaremos neste capítulo contextualizar o histórico de formação da Nova Holanda, considerando as intervenções urbanísticas que esta sofreu e a forma com que os primeiros moradores vieram de outras partes da cidade para formar a Nova Holanda, enfatizando a política remocionista adotada pelo poder público neste período, que interferiram diretamente na vida destes moradores e na construção deste território. Ainda neste capítulo apontaremos a articulação e ação protagonizadas por moradores e lideranças, em busca de melhores condições de vida, dado o descaso em que se encontravam as habitações, que culminaram nas grandes conquistas da comunidade.

O segundo capítulo tratará das formas de representações, e os

discursos que sustentam a visão da favela, considerando a complexidade das relações culturais e da luta de classes, que estão intimamente ligadas a relações de poder. Tratará dos elementos que se fundiram para a construção de uma forma hegemônica de representação das identidades dos favelados.

O terceiro e último capítulo, o mais fundamental irá apresentar o Centro de Artes da Maré, sua atuação e atividades considerando a sua importância enquanto um equipamento cultural que contribui com o rompimento de uma segmentação, que exclui as classes menos favorecidas. Um espaço que vem se constituindo numa referência genuína entre os diferentes territórios da cidade, através da investigação do papel crucial da coreógrafa e bailarina Lia Rodrigues, uma das fundadoras do Centro de Artes da Maré, e que exerce um importante papel de mediação cultural nos diversos territórios da cidade do Rio de Janeiro. A prestigiosa coreógrafa, ao escolher a favela da Maré como espaço para a sua prática cultural, à nosso ver, rompe com uma lógica cultural dominante na cidade.

1. NOVA HOLANDA - FAVELA QUE ME VIU NASCER²

1.1 Breve histórico de ocupação deste território

Para melhor entendimento do objeto estudado, neste capítulo, sentimos a necessidade de traçar um estudo histórico da Nova Holanda, apresentando um quadro geral sobre o desenvolvimento desta favela, que está intimamente ligado à história da cidade do Rio de Janeiro. Apresentaremos as intervenções urbanísticas que ela sofreu, e a forma com que os moradores chegaram até este lugar, dando o devido grau de importância às lutas e sonhos que constituíram a Nova Holanda. Reconhecemos neste trabalho o valor da história coletiva daqueles que deram vida a este território singular.

Jorge Luiz Barbosa vê o território como condição da democracia. Para o geógrafo,

No território, é possível reconhecer o sentido dos interesses coletivos, promover pertencimentos e mobilizar forças plurais de mudança. É no território é que nós fazemos sujeitos da política e portadores de projetos da sociedade. O território, significa, portanto, uma marca e uma matriz daquilo que verdadeiramente somos e do que queremos para as novas gerações de cidadãos. (BARBOSA, 2012, P.71)

A partir disto podemos compreender que para Jorge Barbosa, o território é constituído das relações que dele irão se apropriar. O sujeito pode e deve apoderar-se e modificar o espaço em que vive e fazer-se sujeito da política, para mobilizar forças e atender interesses comuns.

A Nova Holanda é uma das 17 favelas que formam o Complexo da Maré, e está localizada na região da Leopoldina, Zona Norte do Rio de Janeiro. A favela está situada entre importantes vias da cidade - a Avenida Brasil e a Linha Vermelha. No mapa abaixo, a Nova Holanda está identificada no local com o número 12. De acordo com pesquisa realizada pelo IBGE, em 2010, a

² Trecho da música Favela de *Leandro Sapucahy*

Nova Holanda possui 13.471 moradores.

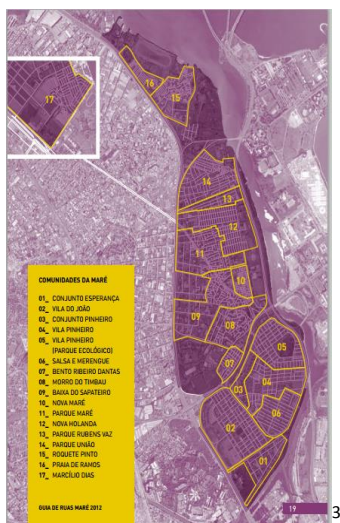


Figura 01 - Mapa de ruas da Maré 2012

O desenvolvimento da Nova Holanda se deu por um processo de intervenções urbanísticas que a cidade do Rio de Janeiro passou no decorrer da década de 1940/50. A construção da Avenida Brasil, umas das mais importantes vias da cidade no que diz respeito às periferias, influenciou na expansão do centro do Rio de Janeiro, para as periferias, e atravessa, não apenas a Maré, mais diversos outros bairros que sofreram uma ocupação desordenada. A própria colocação geográfica da Maré, e conseqüentemente da Nova Holanda na cidade, faz com que se crie uma barreira, um isolamento da malha urbana. Mais recentemente, a construção da Linha Vermelha (via expressa paralela à Nova Holanda) por exemplo, é uma delimitação física notável entre a favela e outras partes da cidade. Para muitos moradores da cidade do Rio de Janeiro, estas áreas mencionadas são consideradas apenas como um lugar de passagem.

Os primeiros moradores da Nova Holanda foram removidos de outras favelas cariocas (favela do Esqueleto, Morro da Formiga, Morro do Querosene, Praia do Pinto e Macedo Sobrinho), entre 1962 e 1971, e ali deveriam permanecer no Centro de Habitação provisória (CHP), até serem alocados para a Zona Oeste da cidade. Este Centro Habitação foi planejado e construído pelo poder público, e idealizado pelo governador Carlos Lacerda, numa política

³ Disponível em: http://redesdamare.org.br/wpcontent/uploads/2012/10/GuiaMare_Web.pdf
Acesso em 10/07/2014.

remocionista, na década de 1960. Em um dos principais trabalhos sobre a Nova Holanda, os autores Edson Diniz Nóbrega Júnior, Marcelo Castro e Silvia Belfort afirmam:

“Foi no contexto dessa política remocionista estatal que surgiu a Nova Holanda, inicialmente planejada para ser mais um Centro de Habitação Provisória (CHP), local onde, a exemplo dos Parques Proletários da década de 1940, os moradores passariam por um processo de “educação civilizadora” e então mudariam para uma residência definitiva em um dos conjuntos habitacionais construídos para esse fim“(NÓBREGA JÚNIOR, et al.,2012, p.79)

Como bem retrataram os autores mencionados, do livro Memória e identidade dos moradores de Nova Holanda, o processo de remoção das famílias para os CHP's não era claro, não havia nenhum diálogo sobre a forma, condições e o lugar em que estavam destinados a ir. De maneira arbitrária eram colocados em caminhões e transportados para as habitações provisórias. Neste processo não foram respeitadas as vontades dos moradores. Faz-se necessário ressaltar que no processo de desterritorialização dos moradores, os seus laços de afetividade e até mesmo familiares foram rompidos. Nas CHP's foram jogados num ambiente totalmente desconhecido, em que a interação entre as pessoas era no mínimo delicada.

Com a mudança imposta pelo governo, os moradores tiveram que mudar seus hábitos e como consequência desta ação, parcela da população sofreu com a perda de sua identidade.

Num contexto de descaso e de condições precárias de sobrevivência, o cenário nos CHP's tinha uma conjuntura no mínimo deficiente. A energia elétrica fornecida por linhas de abastecimento regular, que partiam das principais ruas não era suficiente para a demanda dos moradores, pois cada vez mais aumentava a densidade demográfica na região. Os problemas decorrentes desta carência não foram poucos, e como consequência direta, surgiram os primeiros problemas com gatos⁴. O esgotamento sanitário, assim como o abastecimento de água, não atendia a demanda, pois não foram projetados para atender um número grande de moradores.

Poucas foram às famílias que saíram das habitações provisórias e foram

⁴ Ligações elétricas clandestinas

para Conjuntos Habitacionais, de acordo com a proposta inicial de Carlos Lacerda. A transferência atingiu apenas a uma pequena parte da população. Neste cenário, a maioria dos moradores permaneceram no CHP, o que fez com que este espaço se tornasse moradia permanente da população.

Os indicadores sociais da Maré, em relação ao restante da cidade são considerados baixo. A Maré ocupa a trigésima posição no Ranking das regiões administrativas, pelo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH). Ela é classificada como médio desenvolvimento humano. Além disso, as condições de vida dos moradores são influenciadas pela autoridade do tráfico de drogas e pela violência.

Importa ainda enfatizar que as comunidades que constituem o Complexo da Maré não são homogêneas, elas possuem características muito diversificadas, desde seu histórico de ocupação, suas características físicas, seus moradores entre outras. Em 1994 a Maré tornou-se bairro, e faz parte da XXXª Região Administrativa da cidade do Rio de Janeiro.

A Nova Holanda se difere de muitas outras comunidades pelo seu aspecto físico, ela é completamente plana, ao contrário do que observamos na definição dada no dicionário Aurélio, na Introdução deste trabalho, que define favela como Morro. Inicialmente, sua ocupação se estendeu por uma área com partes secas e alagadas, composta por manguezal. As casas inicialmente eram feitas de madeira, a habitação tipo “palafita” pode, ainda hoje, ser vista no Museu da Maré⁵. Com o passar do tempo, por parte dos moradores e pelo poder público, os manguezais foram aterrados.

⁵ O Museu da Maré é um conjunto de ações voltadas para o registro, preservação e divulgação da história das comunidades da Maré, em seus diversos aspectos, sejam eles culturais, sociais ou econômicos. As ações propostas no Plano Museológico, contemplam o programa institucional, de acervos, de exposição, educativo cultural, de pesquisa e de divulgação da iniciativa. O Museu da Maré, fundado no dia oito de maio de 2006, surgiu a partir do desejo dos moradores de terem o seu lugar de memória, um lugar de imersão no passado e de olhar para o futuro, na reflexão sobre as referências dessa comunidade, das suas condições e identidades, de sua diversidade cultural e territorial.

A intenção do Museu da Maré é romper com a tradição de que as experiências a serem lembradas e os lugares de memória a serem lembrados são aqueles eleitos pela versão oficial, “vencedora”, da história e por isso, uma versão que limita as representações da história e da memória de grandes parcelas da população. Acesso em 24/11/14

Mesmo com as condições adversas e em uma conjuntura desfavorável, os moradores conseguiam converter a situação, e transformá-la em um aspecto positivo, exemplificado na busca por soluções para suprir as necessidades básicas, com engajamento e determinação em suas lutas diárias. Estas atuações converteram em organizações de lideranças, que contribuíram significativamente para as conquistas da comunidade. Esta é uma das características que distingue a Nova Holanda das demais favelas, é a força da atuação de organizações do terceiro setor, que no capítulo 3 trataremos mais detalhadamente. Esta atuação é resultado de um processo histórico da favela, em que a articulação dos moradores em busca de melhores condições de vida trouxe grandes melhorias para a população.

Neste contexto surgiram os primeiros projetos de intervenção nestes espaços, ainda que pontuais, como foi o caso de profissionais de saúde recém-formados que realizavam trabalhos de informações e de atendimento médico. O posto de saúde, denominado pelos moradores de “postinho”, era mantido por verbas do CEBES (Centro Brasileiro de Estudos da Saúde) e outras entidades financiadoras. Este trabalho instigava a criação de grupos que buscassem a luta por condições melhores de saúde. O primeiro grupo de moradores articulados que se mobilizou primeiramente em busca de condições melhores de saúde para a favela foi o Grupo de Mulheres:

“A partir dos encontros realizados em torno da saúde, formou-se, em 1977, o Grupo de Mulheres – o primeiro segmento da Nova Holanda a responder a aproximação daqueles profissionais liberais. Mulheres como Dona Josefa, Dona Cléia, Dona Hilda e Dona Maria Amélia, dentre outras, engajaram-se na luta com a finalidade de melhorar as condições de vida na favela” (Op. cit, 2012, p.91)

O movimento popular na Nova Holanda foi instigado por outras frentes, que culminou nas primeiras grandes conquistas para a comunidade. Em 1979, um programa criado pela ditadura militar, o Pró- morar⁶ gerou nos moradores uma insegurança, tendo em vista que o mesmo poderia levá-los novamente a

⁶ Pró Morar (conhecido como projeto do Rio) foi um programa criado na década de 70, pela ditadura Militar, que pretendia solucionar o problema das habitações subumanas em diversas regiões do Brasil, urbanizando-as ou erradicando-as quando não fosse possível outro tipo de intervenção urbanística.

uma remoção domiciliar. Para combater a este processo, as lideranças se organizaram, o que fez com que as organizações associativas nas favelas ganhassem cada vez mais força.

De qualquer forma, a crítica à postura autoritária no encaminhamento do projeto e o desejo de intervir no processo de forma efetiva para evitar, definitivamente, o fantasma da remoção fizeram as lideranças comunitárias locais se organizar e criar a Comissão de Defesa das Favelas da Maré (Codefam) a fim de buscar a interlocução com o governo federal e defender os interesses dos moradores. (Op. Cit. 2012, p.95)

Estas forças articuladas e a atuação protagonizada por moradores resultaram em diversas conquistas, como a construção de escola, creche, postos de saúde, asfalto, iluminação, acesso regular à água, esgoto e coleta de lixo. Neste mesmo contexto de luta e ação de instituições do terceiro setor, articulada com o interesse da coreógrafa e bailarina Lia Rodrigues, prestigiada artista no campo da dança contemporânea, e apaixonada pela Nova Holanda, que surgiu o Centro de Artes da Maré, espaço cultural que trataremos mais detalhadamente no capítulo 3 deste trabalho.

2. O MORRO PARA UNS E OUTROS⁷ - TERRITÓRIOS, IDENTIDADES E REPRESENTAÇÕES DA FAVELA.

Este capítulo pretende investigar as representações das favelas nas suas mais variadas formas de expressão. Consideramos importante ressaltar que apesar de toda sua contribuição política, cultural e econômica para a cidade do Rio de Janeiro, as favelas têm sido representadas desde o seu surgimento como um espaço no mínimo indesejável, conferindo a este território um olhar sempre ligado à ausência ou à violência. Os seus problemas iniciais como saneamento, são cada vez menos colocados e os espaços se abrem para uma representação da favela e dos seus moradores fortemente associada à violência e associado ao morador da favela a identidade negativa, estigmatizada.

Ao longo da história esta representação negativa se originou de instituições de controle, como o poder público. Hoje, parte significativa desta representação está relatada nas grandes mídias, que têm o poder de instrumentalizar a visão da favela e o discurso dos moradores da cidade, que reforçam uma imagem negativa. A representação está ligada a uma relação de poder, logo, aqueles que detêm mais poder de representar possuem também o poder para definir as identidades. De acordo com Jailson de Souza e Silva, as formas de representação da favela e até mesmo a construção da identidade dos moradores geralmente são disseminadas por atores que estão fora das favelas.

“Os parâmetros tradicionalmente utilizados na definição e na relação com as comunidades populares e seus moradores estão centrados em referências de outros setores sociais, em particular os setores médios”. (SILVA, 2003, p.22)

As próprias intervenções⁸ do Estado nestes espaços ao longo da história

⁷ Trecho da música Protesto (1960), de Antônio Domingues e Antônio Ferreira de Souza

⁸ Podemos observar uma ação clara e recente desta intervenção, na entrada das Unidades de Polícia Pacificadora na Maré, que aconteceu na madrugada do dia 31 de março de 2014. Com a ocupação das forças armadas das favelas da Maré. Esta ocupação ocorreu antes do início da Copa do Mundo.

apontam para a favela como um “problema”, e como um incômodo causado por estes aglomerados à cidade. Neste processo deve-se levar em conta que a ação pública e suas intervenções visam fomentar os interesses de grupos dominantes e estas ações sustentam-se, justamente, mediante o discurso de uma cidade que favorece pequenos grupos e considera este território como pertinente ao espaço urbano das cidades.

A palavra de ordem é controlar, de forma que as classes populares devem permanecer monitoradas, pois são entendidas como potencial ameaça à ordem pública. Assim sendo, as ações de política pública aplicada dentro das favelas partem do desejo de controlar.

As intervenções também se dão em outros campos, para atender a interesses pautados num discurso em que as classes menos favorecidas devem se distinguir em suas práticas culturais, com uma diferença clara, marcada por uma relação de poder. Relação esta que um determinado grupo pode ter maiores possibilidades, em relação ao outro, estabelecendo uma relação de desigualdade.

Determinadas representações e discursos favoreceram ações que buscam atender aos interesses das classes dominantes e que resultam num estigma que confere aos habitantes da favela uma identidade deteriorada. Sendo estes discursos pautados nas práticas sociais dos moradores destas áreas menos favorecidas da cidade, com foco em ações que de maneira generalizadora, podem desmoralizar os moradores e o espaço em que vivem. O fato é que as favelas historicamente estiveram num contexto de ilegalidade, com uma presença destacada nas páginas policiais, desde seu surgimento, aliada ao perigo, a uma ocupação irregular. Este discurso criminalizante constrói visões sobre a identidade dos moradores da favela, e causa impactos na vida do “favelado” que passa a ser estigmatizados por moradores de outros territórios da cidade. A favela é tida, por vezes, como o lugar do outro.

Para vários autores do campo da sociologia, o entendimento da construção da identidade é um tema complexo cuja construção é uma

elaboração multifacetada e complexa. Stuart Hall, responsável por uma das obras mais abrangentes sobre a questão da identidade, aborda questões essenciais para a composição desta pesquisa. Para Hall:

“A identidade cultural não é fixa, é sempre híbrida. Mas é justamente por resultar de formações históricas específicas, de histórias e repertórios culturais de enunciação muito específicos, que ela pode constituir um "posicionamento", ao qual nos podemos chamar provisoriamente de identidade”. (HALL, 2003, p.433).

A nossa perspectiva neste trabalho é buscar compreender a identidade da favela, e dos seus moradores a partir de um olhar contra hegemônico em relação à sua representação, em especial na análise de algumas de suas práticas culturais, como o caso do Centro de Artes da Maré.

De acordo com Tomaz Tadeu da Silva, a identidade e a diferença são resultado de um processo de produção simbólica e discursiva e fazem parte de uma relação social. Elas estão presentes nos discursos sobre a favela, e tal como estes discursos, estão num campo de disputa entre grupos sociais e não convivem harmonicamente. São dois conceitos que tendem a ser naturalizados, e estão sujeitos a vetores de força, a relações de poder. Silva (2000, p. 74) demarca a lógica binária que subentende uma forma afirmativa de expressar a identidade na qual será positivo aquilo “que se é”, tornando negativo o que é do “outro”, no caso aqui representado pelo morador da favela. Trata-se de uma identidade que remete a si própria como ideal. Nessa cisão, “ser branco, ser jovem, ser heterossexual, ser homem” é a identidade na qual a diferença se opõe: “ser negro, ser velho, ser homossexual, ser mulher”.

Para Tomaz Tadeu da Silva, questionar a identidade e a diferença como relações de poder significa problematizar os binarismos em que se organizam, e hierarquizam, no caso aqui, que se refere ao “ser favelado”. Normalizar estas relações significa eleger uma identidade como parâmetro. Esta classificação em categorias está equivocada, na medida em que se faz uma linha divisória entre os “iguais” e os diferentes. Nessa classificação recai sobre os que se diferenciam uma negatividade, como uma marca, um estigma.

Como vimos anteriormente, a identidade não deve ser tomada como algo definitivo, fixo, instável, ou homogêneo. Ela está em movimento em construção, um processo de produção inacabado. Assim como o autor afirma,

ela está relacionada a relações de poder e estruturas discursivas e representativas que detém o “outro” de privilégios. Nestas estruturas implicam as operações do “incluir” e do “excluir”, e até mesmo de pertencer. Estas relações reafirmam às classificações de poder, às hierarquizações e não simples distinções.

A diversidade assume aqui um importante papel na sociedade neste sentido, uma vez que envolve o respeito às diferenças. O outro tem o direito de ser diferente do que eu sou, sem necessariamente ser inferior ou que este tenha menos valor. É lidar com respeito e tolerância para com a diversidade e a diferença.

Para Jailson de Souza e Silva, as representações hegemônicas dos moradores das favelas estão intimamente relacionadas a um processo histórico de segregação, como demonstramos no capítulo 1. Ela não está sustentada em valores recentes, mas sim em referências simbólicas que dominam grupos sociais, em que se podem destacar as relações de hierarquia.

“Durante séculos, a principal distinção hierárquica em território brasileiro foi estabelecida entre os escravos - que, nunca custa mencionar, eram negros - e os homens livres... a distinção entre homens com posses, em geral propriedades/ ou títulos de nobreza, e os despossuídos. Outros níveis hierárquicos eram sustentados nas distinções sexuais (em prejuízo das mulheres) e etárias (em prejuízo das crianças e adolescentes vistos como seres sem direitos).” (SILVA, 2012, p. 132).

Ainda de acordo com Silva, um conjunto de elementos levou a construção de um perfil homogêneo dos moradores das favelas pelas classes dominantes, apesar de sua rica diversidade, estratégias de sobrevivência e suas práticas culturais. Não é incomum o uso de referências e termos que foram naturalizados que desqualificam a humanidade dos moradores, com a apropriação de termos que em vez de descrever, os discriminam, como podemos ver abaixo:

“Um conjunto de elementos se fundiu para construir as formas hegemônicas de representação das favelas e seus moradores: a sua associação com a pobreza econômica, a falta de formação escolar, a predominância de emprego no trabalho manual, o fenótipo dos moradores - em grande maioria pretos ou pardos-, a precariedade das moradias, dos serviços e equipamentos urbanos, a origem nordestina- região considerada problema no país-, a ocupação ilegal de terras, a falta de pagamento de taxas e impostos diversos etc.” (SILVA, 2012, p. 134).

À título de exemplos: O IPEA (Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas) classifica como “miserável” as pessoas com uma renda abaixo de determinado percentual do salário mínimo, que é comum nas favelas, e o IBGE⁹ (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) define as favelas e outros espaços populares como “aglomerados subnormais”. (IBGE, Censo 2010, Aglomerados Subnormais - Informações Territoriais, p.02).

POPULAÇÃO RESIDENTE EM AGLOMERADOS SUBNORMAIS NO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO EM 2010					
POSIÇÃO	AGLOMERADO	POPULAÇÃO	POSIÇÃO	AGLOMERADO	POPULAÇÃO
1	ROCINHA	69.161	12	NOVA HOLANDA	13.471
2	RIO DAS PEDRAS	54.793	13	PARQUE JARDIM BEIRA-MAR	13.178
3	JACAREZINHO	29.678	14	PARQUE MARÉ	12.429
4	PARQUE UNIÃO	19.671
5	FAZENDA COQUEIRO	18.233	30	BAIXA DO SAPATEIRO	7.563
6	VILA PROLETÁRIA DA PENHA	17.776
7	NOVA BRASÍLIA (RA - ALEMÃO)	16.185	32	PARQUE ROQUETE PINTO	7.488
8	MORRO DO ALEMÃO	15.056
9	VILA DO VINTÉM	14.650	44	TIMBAU	5.916
10	NOVA CIDADE	14.620
11	PARQUE VILA ISABEL	14.007	53	PARQUE RUBENS VAZ	5.165

FONTE: IBGE, CENSO DEMOGRÁFICO 2010

Figura 02 - População residente em aglomerados subnormais
Fonte: IBGE, Censo demográfico 2010

Ainda que a visão predominante seja esta, que define a favela como o lugar do outro, e lugar da ausência, existe uma corrente que vai na contramão deste discurso. A antropóloga Adriana Facina reflete sobre as formas de sobrevivência dos moradores, indo contra as históricas representações estigmatizadoras deste como lugar de carência e da violência armada. Para Facina,

“Podemos afirmar que a favela é hoje o centro desse processo, palco de ocupações armadas e cenário de uma expansão de fronteiras de todo tipo de consumo, em meio ao celebratório discurso das classes emergentes, nova face do capitalismo à brasileira... território de práticas diversas de financeirização da vida, mas também de recriação das formas de sobrevivência dos pobres” (FACINA, 2013, p.22).

Devemos considerar ainda o fato que atualmente as favelas têm atraído

⁹<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/imprensa/ppts/00000015164811202013480105748802.pdf>

à atenção de diversas esferas da sociedade, atores públicos, privados e acadêmicos. O que favorece as novas possibilidades de ver e representar a favela, com um olhar que pode ir na contracorrente desta representação negativa e, historicamente hegemônica. Este é o caso da coreógrafa Lia Rodrigues, que analisaremos no capítulo 3.

Além disso, se faz necessário mencionar que há um interesse econômico, de explorar o que aparenta ser um “Eldorado” até então desconhecido. O consumo também é uma representação possível deste espaço.

“É fato: a favela está na moda. Concorrendo com as históricas representações estigmatizadoras da favela como lugar de carência e de violência armada, surge a imagem da favela como negócio, uma marca poderosa capaz de atrair investimentos públicos e privados para todo tipo de atividade econômica.” (FACINA, 2013, p.22).

A afirmação de Facina se aplica ao caso da favela Nova Holanda que está passando por um processo valorização dos imóveis, chegando estes a custar o mesmo valor que em outras regiões da cidade. De acordo com o jornal *Maré de Notícias*¹⁰, que também confirma esta informação, ao anunciar que a região da Maré é considerada pelos moradores como um bom local para se viver.

Se tomarmos como exemplo a representação da favela na música popular, iremos nos deparar com um rico material que aponta para uma diversidade de representação deste território. Entre estas múltiplas representações possíveis sobre a favela, muitas abordam o aspecto social em suas letras, ressaltando este território como espaço de trabalho, dignidade (Quem vive lá trabalha e é honesto)¹¹, como um lugar de beleza¹². Alguns versos não deixam dúvidas sobre a relação de afeto, da possibilidade de se orgulhar¹³ do seu lugar de moradia.

Outras composições destacam o aspecto físico dos morros e favelas,

¹⁰<http://redesdamare.org.br/wp-content/uploads/2013/05/Mar%C3%A9-de-Not%C3%ADcias-ed-17-maio-2011.pdf> (Acessado em 27/08/2014)

¹¹ Trecho da música Protesto (1960) de Antônio Domingues e Antônio Ferreira de Souza

¹² Trechos da música Alvorada (1974) de Cartola

¹³ Trecho da música Rap da Felicidade (1994) de Julinho Rasta e Katia

que fogem a característica considerada comum ou normal de outras partes da cidade. Incluindo em suas letras palavras que reforçam este aspecto: A Velas, becos e buracos, choupanas, tendinhas, barracos¹⁴. As letras aparecem em conformidade com a forma com que a favela permaneceu registrada: área de habitações irregularmente construídas, sem arruamentos, sem plano de urbanização, sem luz, sem água. Outras vezes, como lugar do terror policial, do tráfico de drogas, da segregação, repulsa e 'abandono' por parte de governos e autoridades, que insistem na apartação entre 'morro' e 'asfalto', - termo cunhado pelo jornalista Zuenir Ventura -, dois mundos separados pela injusta sociedade de classes em que vivemos.

São diversas as questões e representações das favelas que estão atravessadas nas músicas ao longo do tempo. Por vezes a ênfase foi dada nas características visíveis, como o material das casas (no seu tempo histórico), as condições de moradia, enquanto outras estão focadas no processo comum a muitas favelas, como o processo de urbanização da cidade que fizeram com que os moradores fossem expulsos sem escolhas de suas casas, perdendo os seus laços de afetividade.

Alba Zaluar e Marcos Alvito, na obra Um Século de Favela, em uma de suas abordagens sobre a representação das favelas pela ótica musical, enfatizam estas representações pelas mudanças sociais na canção popular. Na descrição da poesia destas obras estão também presentes o lamento, o protesto, e a ironia. Como afirmam Zaluar e Alvito, por vezes a obra musical pode também cooperar para a construção de uma visão mítica ou idealizada da favela:

“Mas se conjunto dessas letras produzindo uma visão mítica da marginalidade, tende por isso mesmo a reforçar o estigma que historicamente foi lançado sobre a favela como uma espécie de território sem lei e sobre seus moradores como “classes perigosas”, em outras tantas letras a imagem se dá exatamente na direção contrária. (ZALUAR e ALVITO, 2006, p.96).

Esta diversidade de representação que observamos na música, também aparece nos discursos da mídia impressa, eletrônica e televisiva, em especial

¹⁴Trechos da Música Encanto da Paisagem (1986) de Néilson Sargento

nas grandes mídias do Rio de Janeiro. Este controle de representação exercido por conglomerados, interferem na difusão das narrativas e até mesmo na percepção e construção de identidades sociais. Atendendo a uma disputa de grupos com interesses antagônicos, disputa esta marcada por representações de mundos conflitantes no contexto urbano carioca.

Ao analisar as representações midiáticas das favelas nos últimos anos, podemos constatar que estas representações do território favelado estão associadas ao fenômeno da violência, que aparece naturalizado nas favelas. Não é surpreendente a grande mídia mencionar a morte de um jovem favelado por causas violentas, por outro lado, se um jovem de área nobre da cidade morrer pela mesma causa, sua morte certamente não será naturalizada, como acontece nas favelas.

Em uma pesquisa realizada pelo Observatório de Favelas¹⁵: Mídia e favela - Levantamento de veículos de comunicação alternativa em favelas e espaços populares, os pesquisadores Jailson de Souza e Silva e Thiago Araújo Ansel afirmam:

“O que ocorre com as favelas, espaços populares e seus habitantes também é reflexo de um acúmulo histórico de processos de violência simbólica envolvendo invisibilização, estigmatização, exotização ou combinações das alternativas anteriores. Tal modalidade de violência tende a se perpetuar, agravada por problemas como o subdesenvolvimento de iniciativas de comunicação popular alternativa (voltadas para estes locais ou neles situadas), além da grande concentração dos meios de massa nas mãos de pequenos grupos e/ou famílias -- hoje, dois dos maiores entraves para a democratização da comunicação.” (SILVA e ANSEL, 2012, p. 07).

Em uma análise quantitativa e qualitativa de três jornais impressos entre os anos de 2005 e 2006, Gabriela Nóra e Raquel Paiva (2008, p.20) chegaram à conclusão que “a maioria das matérias que tem a favela como tema, destaca os seus aspectos negativos. De modo geral estes espaços são vistos como territórios da bandidagem e, principalmente, do tráfico de drogas”. Somente no

¹⁵Disponível em: <http://observatoriodefavelas.org.br/> . Acesso em: 08/05/2014

O Observatório de Favelas é uma organização social de pesquisa, consultoria e ação pública dedicada à produção do conhecimento e de proposições políticas sobre as favelas e fenômenos urbanos. Buscamos afirmar uma agenda de Direitos à Cidade, fundamentada na ressignificação das favelas, também no âmbito das políticas públicas.

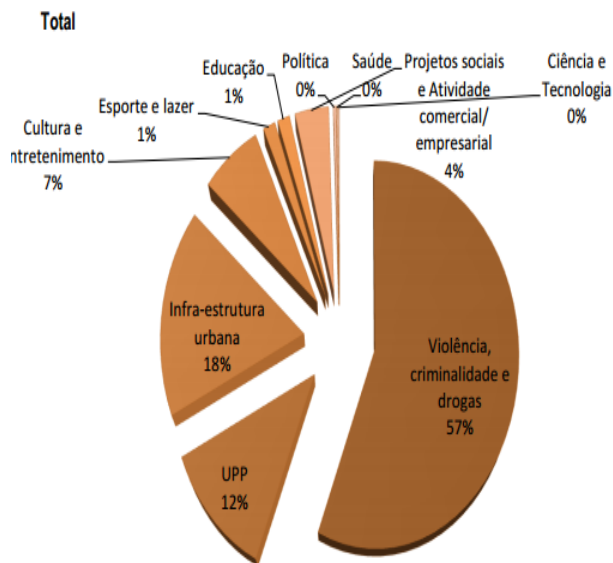
jornal *O Globo*, em cinco meses de análise, as pesquisadoras selecionaram 645 matérias referentes às comunidades pobres do Rio de Janeiro, das quais 462 (71,6%) foram publicadas na editoria Rio - marcada por assuntos geralmente relacionados à violência, tráfico de drogas, questões socioeconômicas e estruturais do estado. Ainda de acordo com as autoras:

A mídia, de uma forma geral, e não apenas *O Globo*, procura, sempre que possível, destacar a violência e o ambiente hostil das comunidades pobres. Assim, os veículos de comunicação priorizam os aspectos negativos da realidade social desses grupos e concedem maior visibilidade aos acontecimentos, produzindo um discurso sobre os moradores dessas regiões como seres ameaçadores. Consequentemente reforça-se a existência de uma sociedade cada vez mais fragmentada, na qual os habitantes de áreas pobres, uma vez identificados como membros de uma comunidade, são frequentemente associados à sua imagem negativa e à violência (NÓRA; PAIVA, 2008, p.23).

O Observatório das Favelas, através do projeto Mídia e Favela¹⁶, produziu uma pesquisa com foco nos veículos de mídia alternativa. O objetivo da pesquisa realizada pela organização foi produzir um diagnóstico sobre as iniciativas de comunicação popular e, ao mesmo tempo, balanços de como as favelas e espaços populares são representados em veículos da grande mídia.

O gráfico abaixo é resultado desta pesquisa, em que foram acompanhados durante seis meses, diariamente, os jornais *O Globo*, *Extra* e *Meia-Hora*. Neste trabalho os autores selecionaram todo o conteúdo dos jornais mencionados que tivessem como tema central ou transversal, questões relacionadas às favelas e espaços populares. Os gráficos, resultado das pesquisas da instituição referem-se aos temas abordados pelos veículos pesquisados em suas matérias sobre as favelas e espaços populares. De acordo com o resultado da pesquisa realizada, em todos os seis meses “violência, criminalidade e drogas” foram os temas predominantes na construção das narrativas jornalísticas sobre estes territórios, chegando a corresponder a mais de 70% das pautas, como demonstra o gráfico abaixo:

¹⁶ <http://observatoriodefavelas.org.br/wpcontent/uploads/2013/06/Midia-e.pdf>
A Favela representada nas mídias alternativas.
(Acesso em 16 de maio de 2014).



Foram analisadas 640 matérias no total, dos impressos O Globo, Meia-hora e Extra.

Figura 03

Apesar do poder concentrado nas mãos de grandes conglomerados da mídia, em qualquer que seja o local, a possibilidade de representação também está em disputa, que envolvem outros atores sociais. A comunicação alternativa também está na disputa pelo poder de comunicar e de representar, se apropriando das ferramentas de comunicação, tendo em vista que esta é uma ferramenta de mediação e cidadania.

Ainda de acordo com a pesquisa coordenada por Silva e Ansel, os autores entendem que para superar a violência simbólica nas representações dos espaços populares é imprescindível a democratização e apropriação destas ferramentas pelas mídias alternativas.

“No contexto das grandes metrópoles brasileiras, estes privilégios quanto à produção de representações refletem-se ainda na construção de cartografias imaginárias, atribuidoras de ordens de importância aos diferentes territórios - bem como aos seus respectivos habitantes. Neste contexto, a favela é quase sempre eleita pelos grandes veículos de comunicação como uma espécie de desenho em contraluz ou espelho invertido da cidade. A favela é definida na grande maioria das narrativas midiáticas pelo não. É o exterior constitutivo da cidade, sendo, contudo, central para a definição da identidade desta última: é sua “sobra” e seu suplemento” (SILVA e ARAÚJO, 2012, p.14).

No que diz respeito à pesquisa citada seu principal objetivo está pautado no estabelecimento de uma comunicação mais democrática e na contribuição para a garantia do direito coletivo à liberdade de expressão e do direito à comunicação. Compreendendo que este direito é fundamental para a superação da situação de violência simbólica presente nas representações das favelas.

Ao analisar alguns exemplares do jornal comunitário: *Maré de Notícias*¹⁷, com o intuito de entender a representação da favela, pelo ponto de vista de um jornal da própria comunidade, podemos perceber o quanto se aplica a apropriação da garantia do direito coletivo a expressão, e quanto esta ferramenta possui um potencial simbólico na apropriação e reconhecimento das identidades dos moradores da favela.

Nas publicações relacionadas à favela, nas narrativas jornalísticas adotadas pelo jornal, certamente a questão da violência, das drogas e da criminalidade neste território não é o seu foco. Tendo em vista que este é um jornal feito pela e para a comunidade, há uma grande preocupação com a formação política e social dos moradores. Os conteúdos abordados envolvem a valorização da memória e identidade dos mesmos, divulgam os eventos culturais que acontecem na comunidade, fortalecem o diálogo dos moradores com as instituições públicas e disponibilizam um espaço aberto para que os moradores se expressem.

Um importante trabalho desenvolvido no território da Maré foi a pesquisa Memória e Identidade dos moradores de Nova Holanda, realizada por Edson Diniz Nóbrega Júnior, Marcelo Castro e Silva Belfort e Paula Ribeiro. Este estudo, de significativa importância aponta para novas formas de se interpretar a favela, e vê uma questão importante e peculiar da Nova Holanda, que através desta pesquisa podemos observar, é a união dos moradores das favelas. Uma

¹⁷ O jornal citado: Maré de Notícias está vinculada a instituição Redes de Desenvolvimento da Maré (localizada na Nova Holanda). O jornal é mensal e distribuído gratuitamente para os moradores.

relação de companheirismo em favor de algo em prol da comunidade. A mobilização das pessoas e suas lutas, que trazem conquistas para a favela. Características de moradores que envolvem a criatividade na resolução de problemas e, principalmente, o apego afetivo ao território.

“Várias instituições comunitárias foram criadas a partir das lutas políticas empreendidas pela população local para resolver problemas que o Estado não levava em consideração. Essas lutas tinham um caráter eminentemente mobilizador e conseguiram envolver uma parcela considerável dos moradores nas discussões e decisões que precisavam ser encaminhadas. Mesmo aqueles que, como vimos em alguns relatos, não se envolveram diretamente nas ações sabiam que havia uma movimentação pela garantia de direitos básicos.” (DINIZ, et al. 2012, p.155).

Em geral, a representação de um determinado grupo social se dá de forma hegemônica e estão pautadas no discurso do outro. Ressaltamos aqui a importância do reconhecimento da favela para além dos estereótipos e das representações hegemônicas. Propondo uma visão que valorize as práticas sociais e a forma heterogênea que esta se organiza. Considerando que se faz indispensável o reconhecimento da complexidade e pluralidade das práticas da cidade, o geógrafo Jorge Luiz Barbosa, aponta que é necessário superar as distinções territoriais de subalternação e superioridade, em localizações como “centro” e “periferia”, “asfalto” e “favela”.

“As favelas são solos férteis para criação cultural. O samba, a capoeira, os choros combinaram a dança e a música na gestualidade estética carioca. O funk, o hip hop, o break e o forró atualizaram as marcas do mundo vivido de seus moradores. A pintura, o grafite, a fotografia e o vídeo traduzem os diferentes pertencimentos À cidade. A favela faz florescer a cultura do Rio de “Janeiro.” (BARBOSA e DIAS, 2013, p.11)”.

Escolhemos para este estudo um espaço cultural que é um diferencial dentro da Maré, especificamente na Nova Holanda. Um equipamento cultural que merece um alto grau de destaque e conquistou seu espaço, através do desenvolvimento de suas atividades, como um espaço cultural alternativo, que funciona como um ponto de referência, dentro e fora da comunidade. Consideramos importante ressaltar que outros espaços e ações culturais estão sendo desenvolvidos na Maré na última década, isso reforça a importância das lutas sociais e desejo da comunidade por espaços alternativos, caminhando na

contramão da desigual distribuição de equipamentos culturais na cidade¹⁸ e contribuindo para uma ressignificação da favela.

Reconhecemos ainda a fundamental atuação e parceria com a Redes de Desenvolvimento da Maré, que contribuiu para a criação e transformação deste equipamento cultural. Partindo da consciência de que havia uma indiferença e falta de espaços culturais para a realização de atividades culturais com as crianças e jovens da Nova Holanda e comunidades dos arredores, o Centro de Artes da Maré é um equipamento de fundamental importância para a comunidade se afirmar como um local que faz parte da cidade, contribuindo para a comunidade não permanecer num estado de visibilidade estigmatizada, e principalmente para uma visão da favela sob uma perspectiva diferente, ligada a cultura.

¹⁸ Jailson de Souza e Silva já denunciava a ausência de equipamentos culturais na Maré, quando afirma: “não há instituições com grande tradição no plano cultural , estrito senso, e os equipamentos existentes neste campo, são recentes e precariamente estruturados ainda”. Silva ,2004, p.75)

3. O CENTRO DE ARTES DA MARÉ – UM CAMINHO PARA RESSIGNIFICAÇÃO DA FAVELA

Neste capítulo buscaremos compreender e demonstrar o quanto o Centro de Artes da Maré(CAM) possui um enorme potencial de mediação entre os diversos territórios da cidade do Rio de Janeiro, na medida em que atua na transformação e ressignificação do território da favela. Atuando a partir de uma metodologia de diálogo, entre os artistas envolvidos e os moradores da Maré, as ações desenvolvidas pelo CAM permitem que sejam traçadas e repercutidas uma imagem da favela, para além da ausência e da violência, como vimos em alguns exemplos tratados em capítulos anteriores.

O Centro de Artes da Maré, ao promover o compartilhamento de informações para o crescimento e ampliação do universo cultural da comunidade, proporciona em suas ações o encontro do território da Maré com outros territórios da cidade, contribuindo assim, para a construção de uma imagem e identidade da favela que tenha um olhar mais comprometido com a realidade.

Também buscaremos neste capítulo investigar o papel crucial da coreógrafa e bailarina Lia Rodrigues, uma das fundadoras do Centro de Artes da Maré, e que exerce um importante papel de mediação cultural nos diversos territórios da cidade do Rio de Janeiro. A prestigiosa coreógrafa, ao escolher a favela da Maré como espaço para a sua prática cultural, à nosso ver, rompe com uma lógica cultural dominante na cidade.

O Centro de Artes da Maré é um espaço cultural, idealizado inicialmente para criação, formação e difusão das artes, com ênfase para a dança contemporânea, este caráter que diz respeito à funcionalidade principal do espaço, está intimamente ligado à história de sua criação.

Localizado na Rua Bittencout Sampaio, 181, o Centro de Artes da Maré está bem próximo da Av. Brasil, na altura da passarela 10. A localização privilegiada favorece o trânsito dos moradores de dentro e de fora da favela. O equipamento cultural ocupa um galpão fabril de aproximadamente 1.200

metros quadrados, subdividido em 2 amplos salões, com cerca de dez metros de fachada.

O espaço físico do Centro de Artes é impressionante devido a sua amplitude. Segundo informações passadas pelos moradores através de conversas informais, anteriormente o espaço sediava uma fábrica de artigos de papel, que posteriormente foi utilizada para guardar os carros alegóricos da Escola de Samba local chamada Gato de Bonsucesso.

A transformação deste espaço no Centro de Artes da Maré se deu através do projeto de dança da Companhia de Dança Lia Rodrigues, criado e desenvolvido junto com a Redes de Desenvolvimento da Maré, instituição da sociedade civil, criada através de um longo processo de envolvimento dos seus fundadores com o movimento comunitário no conjunto de favelas da Maré e, também, na cidade. No site da Redes de Desenvolvimento da Maré, vemos a definição desta instituição:

Assim, a Redes nasce com uma missão: Promover a construção de uma rede de Desenvolvimento Territorial através de projetos que articulem diferentes atores sociais comprometidos com a transformação estrutural da Maré e que produzam conhecimentos e ações relativas aos espaços populares, que interfiram na lógica de organização da cidade e combatam todas as formas de violência (...) e geração de trabalho e renda.¹⁹

Foi do encontro e articulação da Companhia de Dança Lia Rodrigues e a instituição Redes de Desenvolvimento da Maré que surge o Centro de Artes da Maré. Esta articulação foi fundamental para a construção desta história.

Para melhor compreendermos as especificidades deste espaço cultural, retomaremos a história da Companhia de Dança Lia Rodrigues (CDLR). Fundada em 1990, pela coreógrafa e bailarina Lia Rodrigues, a companhia construiu a sua história com a finalidade de proporcionar espaços de debate e sensibilizar os indivíduos para a arte contemporânea, criar espaços de encontro afetivos e criação artística, e ainda apoiar e investir em ações e informações para a formação de novas plateias no campo da dança

¹⁹ Disponível em: http://redesdamare.org.br/?page_id=2429. Acesso em 17/11/2014

contemporânea.

A CDLR já se apresentou em mais de 16 estados brasileiros e no exterior em mais de 19 países, como Israel, França, Estados Unidos, Alemanha, Portugal, Itália, Suécia, Noruega, Peru, Áustria, Suíça e Canadá, fazendo parte de um importante circuito de dança e participando de renomados festivais.

A companhia foi ganhadora de importantes prêmios, tais como: Prêmio Estímulo (1995) Troféu Mambembe(1994), ambos conferidos pelo Ministério da Cultura, prêmio Herald Angel – Melhores Espetáculos do Festival de Edimburgo (2002), Prêmio do Público – FIND 11^o Festival International de Nouvelle Danse, Montréal, Canadá (2004), entre tantos outros, o que demonstra o reconhecimento e legitimação da Companhia no circuito cultural da dança contemporânea.

O pesquisador Marcelus Gonçalves Ferreira, em análise do espetáculo *Pororoca*, destaca a importância da coreógrafa:

“(...) o trabalho de Lia Rodrigues sofreu influências de novas vanguardas de dança europeia, uma geração que articula reflexão sobre dança e sociedade e propõe a retomada de consciência e pensamento crítico sobre o papel sociopolítico da dança. Assim, além da atuação artística como bailarina e coreógrafa, Lia sempre esteve engajada em ações de cunho político.” (FERREIRA, 2011, p.2)

Com este perfil engajado, Lia Rodrigues iniciou a sua história com o Complexo da Maré em 2003 quando foi convidada para colaborar com a Redes de Desenvolvimento da Maré, ainda no Morro do Timbau, uma das comunidades que formam o complexo da Maré, vizinha à Nova Holanda (ver figura1), para onde transferiu suas atividades artísticas. Neste momento Lia Rodrigues quebra uma lógica geográfica de práticas culturais da cidade e inicia um processo que como fruto possibilitaria o encontro entre distantes\diferentes, que acontecia com mais frequência no circuito tradicional localizado no eixo Centro\Zona Sul, e que naturalmente excluía as periferias desta prática

Em entrevista realizada com a coreógrafa para este trabalho em 12 de julho de 2014, perguntamos sobre o porquê da transferência das atividades da Companhia para a comunidade da Maré. Observamos então que o que

contribuiu para esta mudança, foi o questionamento da artista sobre os motivos que levariam a arte contemporânea a não estar presente em partes da cidade como as favelas. E ainda por reconhecer que seria imprescindível que as favelas estivessem integradas à cidade, sediando espaços culturais de qualidade. Lia Rodrigues relata:

“ Eu vivi aqui no Rio de Janeiro por muitos anos, sem conhecer a Maré, porque é muito longe da onde eu trabalhava, da onde eu vivia. A Maré não existia pra mim. Só quando eu passava a caminho do Aeroporto Internacional é que eu via que tinha uma favela imensa. Mas eu não sabia o que acontecia lá, quem morava, não fazia parte do meu universo. Neste sentido é uma cidade partida, porque que tem lugares que a gente não visita, e que deveriam ser integrados. É partida porque tem pedaços da cidade que não têm as mesmas condições e investimentos que os outros. Acredito que a cidade deve ser uma cidade só. Por isso estou aqui. Acredito que a cidade vai ganhar muito integrando a Maré. A cidade merece a Maré”. (RODRIGUES, 2014, informação verbal)

Através do rompimento com um eixo excludente constatado pela artista, a Maré, antes vista como lugar de passagem, de guerra e da violência, passou a fazer parte do universo de Lia Rodrigues, e através da mediação da artista, do universo de outras pessoas não moradoras da Maré.

Neste sentido, à nosso ver, a existência de um equipamento cultural na Maré tem contribuído significativamente para uma transformação na lógica de desigualdade que anula ou diminui a importância da favela, principalmente no campo das artes.

O geógrafo Jorge Luiz Barbosa afirma que:

“É preciso reconhecer que a cidade é produto da diversidade da vida social, cultural e pessoal. Isso significa dizer que a cidade deve ser pensada, tratada e vivida como um bem público e não como um espaço de desigualdades. Ela é o encontro dos diferentes, é a expressão da pluralidade de vivências culturais, afetivas e sociais.” (BARBOSA, 2012, p.156).

Foi então, em 2007, que a Companhia, em parceria com a Redes da Maré, iniciou um novo sonho: a criação do Centro de Artes da Maré, na Nova Holanda. O espaço foi concebido com o propósito de ser um lugar de partilha e de troca de saberes, direcionado para a formação, criação, difusão e produção das artes. No Centro de Artes da Maré a Companhia criou e apresentou os espetáculos *Pororoça*, *Piracema* e *Pindorama*, levando para o espaço criado

na comunidade da Maré um público formado por pessoas de diferentes partes da cidade e de classes diferentes. Neste sentido, o Centro de Artes da Maré, mediado pela presença essencial de Lia Rodrigues, propiciou uma outra visão da favela ao promover um encontro com o outro/diferente, isto é, o morador da favela. Acreditamos que esta ação provoca uma reflexão, e principalmente uma visibilidade sobre este espaço diferenciada da forma como estamos acostumados a nos deparar. Uma visão da favela que não estava necessariamente relacionada à ausência.

Em duas reportagens de programas jornalísticos, analisadas para esta pesquisa, podemos perceber discursos que vão mencionar este equipamento cultural localizado em uma favela, com perspectivas diferentes.

Na matéria do Repórter Rio da TV Brasil, citado abaixo, podemos perceber que há um enfoque inicial dado na representação da favela, que mesmo ao enfatizar esta como lugar da pobreza e da violência, entretanto há uma valorização do papel da coreógrafa Lia Rodrigues, citado pela artista na importância deste espaço como um lugar de troca com o outro, e principalmente como um lugar para engajar politicamente o seu trabalho artístico.

Trecho da matéria no programa “Repórter Rio da TV Brasil”:

“Dezesseis comunidades, 140 mil moradores. A favela da Maré é marcada pela **pobreza, violência** [grifo nosso] e, principalmente, persistência. Fé na mudança que começou pela recuperação do galpão abandonado. A antiga fábrica fechada por 20 anos se transforma no Centro de Artes da Maré, espaço construído e ocupado pela Cia. de Dança Lia Rodrigues (...).”²⁰

Na matéria do RJ TV, programa jornalístico da Rede Globo de televisão, o discurso apresentado não enfatiza a favela como lugar da ausência ou da violência, o enfoque é dado na fala de Lia Rodrigues e dos dançarinos, que vai valorizar as diferenças e o processo de troca no encontro com o outro. Lia Rodrigues (RODRIGUES, 2011) explica em entrevista ao RJ TV: “Pororoca todo mundo conhece, é um fenômeno natural que acontece no Amazonas, no

²⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bbb4zLBd0VE&feature=related>. (22/04/2010). Acesso em 01/12/2014.

encontro das águas do rio Amazonas com as águas do mar. Nesse caso, a nossa pororoca aqui, a pororoca de dança, ela é na verdade o encontro da diferença”

Como vimos no capítulo anterior, as grandes mídias têm o poder de instrumentalizar a visão da favela. E como a representação está ligada a uma relação de poder, as grandes mídias influenciam parte significativa desta representação. Certamente ao optar por falar da favela considerando a fala de Lia Rodrigues sobre a importância da relação de troca entre diferentes, o programa jornalístico respeita este lugar do outro, valorizando os aspectos positivos que este lugar tem a oferecer.

Como podemos observar no início deste capítulo, a CDLR é uma companhia premiada e que atuava e ainda atua em espaços tradicionalmente reconhecidos no campo artístico da dança, mas que através da atuação de Lia Rodrigues, que se desloca para a periferia, rompe com um processo que naturalmente exclui a favela, contribuindo para que a favela tenha uma visibilidade no âmbito cultural. Com esta proposta, Lia Rodrigues provoca um movimento de circularidade\hibridismo no campo artístico, provocando nos visitantes do Centro de Artes da Maré uma reflexão no que diz respeito ao olhar para a favela. Esta experiência positiva, certamente contribui para a desconstrução da visão de uma favela ligada apenas à violência ou a ausência, na medida em que nas apresentações da CDLR no Centro de Artes da Maré, grande parte do público é formado por moradores da Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro. Sendo assim, o Centro de Artes da Maré pode ser considerado um espaço cultural que rompe com a lógica tida como natural dada no campo artístico, provocando uma inversão de ordem lógica, em que pessoas da Zona Sul não frequentam as favelas, por não reconhecerem neste espaço, um centro cultural de excelência. Na entrevista concedida para o nosso trabalho vemos na fala da coreógrafa uma plena consciência da importância de uma outra representação da favela:

“A cada vez que eu viajo em qualquer lugar, o nome da Maré estará sendo falado, porque todo mundo fala, aonde eu vou: ”A Lia trabalha na Maré”, então é uma oportunidade pra falar, o que é a Maré? Aí eu posso falar da Maré, de outro jeito, que não é só este mesmo jeito

que as pessoas enfatizam, que a favela é lugar de bandido, de crime, de violência, não tem nada, e aí então é a grande oportunidade de ser uma voz que traz outra visão, outro olhar. (RODRIGUES, 2014, Informação verbal)

Ao deslocar a periferia para o centro, Lia Rodrigues contribui para que este espaço cultural seja constituído numa referência genuína para romper com a segmentação existente entre os diferentes territórios da cidade no campo do direito à arte. Isso significa que para além de sua função inicial de formação, criação e difusão da arte, este espaço está preocupado com o rompimento de uma segmentação, que exclui as camadas menos favorecidas da fruição e da apropriação das artes. Significa que este é um espaço de encontro, de troca, de reconhecimento, de possibilidades amplas e inumeráveis. Um espaço de mediação cultural.

O crítico e pesquisador Teixeira Coelho, define mediação cultural como:

“Processos de diferente natureza cuja meta é promover a aproximação entre indivíduos ou coletividades e obras de cultura e arte. Essa aproximação é feita com o objetivo de facilitar a compreensão da obra, seu conhecimento sensível e intelectual - com o que se desenvolvem apreciadores ou espectadores, na busca da formação de públicos para a cultura - ou de iniciar esses indivíduos e coletividades na prática efetiva de uma determinada atividade cultural.” (COELHO, 1997,p.247)

Acreditamos que esta concepção de mediação cultural apresentada por Coelho e pautada em um viés do planejamento cultural, se aplica ao nosso objeto de estudo. Mas optamos também em trabalhar com o conceito de mediação a partir de um viés mais antropológico, por melhor se aproximar do nosso objeto de pesquisa. O prestigioso antropólogo Gilberto Velho na introdução do livro Mediação Cultura e Política, organizado por ele, aponta a mediação como um movimento de aproximação entre mundos distintos dentro da sociedade. Segundo o autor, a condição de mediador está atrelada a possibilidade de lidar com vários códigos e viver diferentes papéis sociais, estando exposto a experiências em realidades contrastantes e distintas.

“Ora, certos indivíduos, mais do que outros não só fazem este trânsito mas desempenham o papel de mediadores entre diferentes mundos, estilos de vida e experiências. Pelas próprias circunstâncias da vida na sociedade contemporânea, alta proporção de indivíduos transita inevitavelmente, por diferentes grupos e domínios sociais. (VELHO, 1994, p.20)

E ainda afirma que:

“Os mediadores, estabelecendo comunicação entre grupos sociais distintos, são, muitas vezes, agentes de transformação... A sua atuação tem o potencial de alterar fronteiras, com o seu ir e vir, transitando com informações e valores” (VELHO, 1994, p. 27).

Nesse sentido podemos observar que no contexto aplicável a este objeto, podemos pensar no papel da coreógrafa Lia Rodrigues, que rompe com a lógica tradicional, e atua no Centro de Artes da Maré, com um papel de prestígio, e tem a oportunidade de compartilhar com pessoas de diferentes lugares a sua experiência dentro de uma comunidade.

Vale ressaltar que, a artista assume aqui um papel que exige uma extrema sensibilidade e consciência artística e política para mediar mundos aparentemente distantes e diferentes. Podemos elencar a atuação de Lia Rodrigues sobre diferentes ângulos. Este processo de encontro com o diferente se dá primeiramente pelo fato da artista ter escolhido para seu espaço de criação artística, um território que a arte contemporânea não visitava, até então, como mencionamos anteriormente. E ainda é uma grande oportunidade de troca quando a artista realiza turnê de suas criações e pode levar o nome da Maré para outros lugares da cidade e do mundo, compartilhando com outras pessoas as suas experiências de trocas com este território. E principalmente durante as apresentações dos espetáculos da cia no CAM, quando a maioria das pessoas que visitam o equipamento cultural são de outras partes da cidade, e assim, podem ver que a favela não está reduzida ou subalternizada como local da violência. Estas pessoas têm a oportunidade de vivenciar a favela, sobre uma outra ótica, reconhecendo um equipamento cultural de qualidade.

Em relação a este assunto, perguntamos a Lia Rodrigues sobre a qualidade do espaço e a sua adequação para a prática da dança contemporânea. A coreógrafa afirma que “é possível transformar qualquer espaço, num espaço ideal, desde que seja do seu desejo, do seu investimento completo, e da vontade e trabalho em equipe”. (RODRIGUES, 2014, informação verbal).

Ao entrar no Centro de Artes, e ver as fotos do espaço antes das sucessivas reformas da estrutura (Figuras 3, 4 e 5), podemos perceber as mudanças que foram realizadas.

Centro de Artes da Maré antes das reformas²¹:



Figuras 04 e 05



Figuras 06 e 07

Centro de Artes da Maré atualmente:



Figuras 08 e 09

²¹ Fotos retiradas do site da Lia Rodrigues cia de Dança.

Disponível em: <http://www.liarodrigues.com/page46/page13/page13.html>. Acesso em visitado em 06/09/2014.

Na entrevista concedida pela Lia Rodrigues para este trabalho, percebemos o envolvimento da coreógrafa com a Maré e o quanto este espaço recebeu do seu esforço e da parceria com a REDES. Lia Rodrigues informou que ao vir para o Centro de Artes, participou de todas as etapas da obra: “projeto de luz, tudo, a obra (tudo tem um pouco de Lia Rodrigues). Eu conheço cada lugar daqui, cada pedacinho deste lugar, tudo junto com a Redes” (RODRIGUES, 2014, informação verbal).

Isabela Porto, uma das coordenadoras do Centro de Artes da Maré, na sua dissertação de mestrado sobre o CAM, confirma o envolvimento de Lia Rodrigues:

“Como o CAM não é uma iniciativa pública, a instituição deve buscar formas de subsistir no imóvel, arcando com os gastos de aluguel, contas e pessoa, buscando verbas em fontes de financiamento para o desenvolvimento de seus projetos. Todas as obras de melhoria foram de investimento diretos da REDES e da Lia Rodrigues Cia de Danças LRCD, incluindo verbas oriundas de doação.” (PORTO, 2014, p. 34).

Em 2009, o Ministério da Cultura legitimou o trabalho já desenvolvido no Centro de Artes da Maré, com o selo de Ponto de Cultura. O Ponto de Cultura é um programa idealizado por Célio Turino, em que o Ministério da Cultura reconhece as instituições culturais e promove o estímulo a estas iniciativas, fortalecendo o protagonismo de grupos sociais atuantes. Este programa possui um potencial de quebrar as hierarquias estabelecidas e construir novas legitimidades e representações. No CAM, este recurso contribuiu significativamente com equipamentos para as melhorias do espaço, para a ocupação e continuidade do desenvolvimento das ações, que ainda possuíam instalações simples. Em suma, as transformações do espaço se deram principalmente por doações e recursos da Cia de Dança, através da Lia Rodrigues, da parceria com a REDES e pelo Ponto de Cultura.

O CAM ainda foi habilitado em outros editais públicos de fomento à cultura, que foram fundamentais para o desenvolvimento de ações no espaço, podemos citar aqui a Temporada Maré de Artes Cênicas, que foi aprovado em 2011 no edital da Funarte, que previa premiação de espaços cênicos com ênfase na formação de público. Este projeto possibilitou o desenvolvimento de

ações durante um ano, o que viabilizou a vinda de importantes espetáculos de dança, além de proporcionar ao espaço a aquisição de equipamentos fundamentais para sua estruturação, como equipamento de luz, som, cortinas e extintores. Além disso, este ano a REDES conseguiu finalizar a compra do galpão do Centro de Artes da Maré, que até então era um espaço alugado. Esta conquista para a cidade e para a comunidade também foi concretizada com o apoio de parceiros e colaboradores, através de doações.

O grande potencial do CAM é justamente ser um espaço de mediação que reúne diferentes pessoas e experiências, com idades diferentes, sonhos que estão entrelaçados, unidos num local em comum, num lugar de troca, de encontro. Em que cada um contribui de acordo com suas experiências pessoais. Neste sentido, podemos reforçar este potencial do CAM, por ser um espaço que tem na sua construção e nas suas atividades a participação da comunidade, na medida em que faz com que a comunidade se sinta pertencente a este espaço construído de forma conjunta com a comunidade.

No Centro de Artes da Maré são desenvolvidas atividades de diversas categorias, todas elas abertas para a comunidade. Oficialmente o Centro de Artes da Maré foi inaugurado em 2009, com uma apresentação da Lia Rodrigues Cia de Dança, com o espetáculo “Pororoca”. Hoje, além da Companhia de Dança Lia Rodrigues, são realizadas no CAM oficinas culturais, sessões de cinema e espetáculos de variadas manifestações artísticas. Também são realizadas parcerias com outros projetos que promovem um intercâmbio de experiências. Tudo isto, porque o espaço passou por reformas para atender a estas demandas, que têm levado espectadores de diversos pontos da cidade para a Maré.

Passemos então, para as atividades desenvolvidas no Centro de Artes da Maré. Além de ser sede da Cia de Dança Lia Rodrigues, no Centro de Artes da Maré são desenvolvidas ações na **área de formação**: A Escola Livre de Dança da Maré, projeto criado em 2011 com o objetivo de democratizar o acesso dos moradores à arte e à dança, atende aproximadamente 300 crianças e jovens ao ano com atividades diárias. Além disso, são oferecidas oficinas de dança de rua, percussão, consciência corporal, dança

contemporânea, de salão, corpo e expressão e dança criativa.

Ainda no campo da formação, o CAM tem uma parceria com o projeto Teatro em Comunidades. Este projeto de extensão da faculdade Teatro da UNIRIO, é uma parceria que, através de aulas de teatro, para jovens, moradores da Maré, visa promover a produção de conhecimento em teatro, a prática artística e pedagógica estimulada pelo encontro entre a universidade e estes grupos de jovens da Maré.

O trabalho desenvolvido pela professora Marina Henriques, em parceria da UNIRIO com a Redes de desenvolvimento da Maré envolve a colaboração de alunos da UNIRIO e os jovens da Maré interessados nas artes cênicas. Primeiro esta atividade contribui para o crescimento dos jovens da Maré que fazem parte deste grupo, sendo esta uma oportunidade de terem contato, ainda que indiretamente, com a academia, ao mesmo tempo em que a academia se expande para as comunidades.

Além desta importante parceria, o CAM foi uma instituição parceira do festival PANORAMA, recebendo oficinas e apresentações deste importante festival de dança contemporânea, que inclusive foi idealizado pela coreógrafa aqui citada, Lia Rodrigues. Estes diferentes projetos visam superar estereótipos e promover a diversidade cultural, social e artística para além dos muros da comunidade.

Na área da difusão, podemos mencionar o prêmio Procultura de Estímulo às Artes Visuais, concedido ao Centro de Artes da Maré pela Funarte, em 2012, na categoria de Programação de Espaços Cênicos. Este projeto Temporada Maré de Artes Cênicas tem o objetivo de consolidar o Centro de Artes da Maré como um importante equipamento cultural mantendo uma programação regular de espetáculos de grupos dança e teatro de diferentes partes da cidade. Estes grupos são selecionados pela equipe do projeto, ao longo de um ano, que de outra forma dificilmente chegariam a Maré.

Em 2013, o projeto foi novamente contemplado, desta vez pelo Programa de Fomento à Cultura Carioca da Secretaria Municipal de Cultura, reafirmando as ações culturais. Desta vez o projeto se chama Mostra Maré de Artes Cênicas, mas a estrutura é a mesma: difusão de espetáculos de dança e

teatro. Estes projetos são fundamentais para o desenvolvimento das atividades do espaço.

Em relação ao apoio às outras manifestações artísticas podemos mencionar o trabalho da Cia Marginal, que é um grupo de teatro formado por atores-moradores da Maré, onde, há cinco anos, desenvolve suas atividades em parceria com a Redes de Desenvolvimento da Maré. Realiza, permanentemente, ações para a democratização do seu método de trabalho como oficinas teatrais oferecidas para jovens da comunidade e para a difusão do seu repertório.

A Cia Marginal realiza trabalhos em diversas partes da cidade, levando o nome da Maré, e também contribuem para a construção de uma visão mais comprometida com o que é feito de bom, com os trabalhos de qualidade desenvolvidos dentro das favelas e principalmente pelos favelados.

Em linhas gerais, podemos exemplificar a importância de um espaço como este, pela seriedade e comprometimento das ações que ali são desenvolvidas. Ações estas que fortalecem o entendimento e a importância de um espaço cultural dentro de favelas, pois assim como o Centro de Artes da Maré, estes espaços contribuem para a construção de um novo olhar para as favelas, na medida em que rompem com uma ordem social imposta pelos setores dominantes. Considerando ainda que este espaço está aberto para o diálogo e que vem conquistando, por meio de suas ações o direito da fala, falar sobre, falar de, falar com a favela, por meio destas ações o Centro de Artes da Maré contribui para uma efetiva transformação na comunidade da Maré um uma ressignificação nos discursos referentes à favela.

CONCLUSÃO

O tema desenvolvido nesta monografia diz respeito a minha história enquanto moradora da Nova Holanda, bairro do Complexo da Maré. Poder desenvolver este projeto, e ainda contribuir com conhecimento acadêmico adquirido é de extrema relevância pessoal e acadêmica, para dar visibilidade e contribuir para o reconhecimento deste lugar, como polo importante da produção cultural.

Considerando que as favelas são constantemente estigmatizadas como o local da ausência, este trabalho procurou contribuir para a desconstrução desta afirmativa, identificando a heterogeneidade dessas localidades e propondo buscar nas suas práticas culturais um outro olhar e o discurso sobre estes territórios. Jorge Luiz Barbosa afirma que “Apesar dos estigmas da pobreza e da violência que ainda marcam as favelas cariocas, é inegável o reconhecimento de suas expressões estéticas e modos significativos de representar e reafirmar a sua pluralidade cultural”. (BARBOSA;DIAS, 2013, P.20).

A experiência que pude vivenciar recentemente no Centro de Artes da Maré, que é fundamental para este trabalho, foi no dia da apresentação do espetáculo Pindorama, da Cia de Dança Lia Rodrigues. Na madrugada do dia 30 de março deste ano, acontecia na Maré à entrada das forças de Unidade de Polícia de Pacificação²². No dia anterior e neste mesmo dia, estavam previstas de acontecer apresentações do espetáculo Pindorama, no Centro de Artes da Maré. Devido às circunstâncias e ao clima tenso que a favela vivenciava, as expectativas eram de que não ocorreriam as apresentações, ou que

²² A Unidade de Polícia Pacificadora (UPP) é uma pequena força da Polícia Militar com atuação exclusiva em uma ou mais comunidades, numa região urbana que tem sua área definida por lei. Cada UPP tem sua própria sede, que pode contar com uma ou mais bases.

Para coordenar sua atuação, todas as UPPs estão sob o comando da Coordenadoria de Polícia Pacificadora (CPP), cujo coordenador atual é o coronel Frederico Caldas. Administrativamente, cada UPP está vinculada a um batalhão da Polícia Militar.
http://www.upprj.com/index.php/o_que_e_upp (visitado em 21/09/2014)

repercutisse num esvaziamento do público. Mas o espetáculo aconteceu com um público em número considerável. Faz-se importante esclarecer, que os espetáculos da Companhia de Dança Lia Rodrigues são os que mais atraem moradores de outras partes da cidade, principalmente da Zona Sul, área mais elitizada da cidade.

Optar por manter as apresentações previstas foi uma atitude de respeito para com o público e ainda uma forma de resistir e mostrar que a favela não é apenas o lugar da violência, que tanto a mídia bombardeou com notícias sobre a “pacificação” neste dia. Observa-se a consciência de Lia Rodrigues sobre o fato. Na entrevista, ela nos relata:

“E pra mim é mais do que natural que eu fizesse a apresentação, e também é pra dizer que “como assim eu não vou fazer a apresentação, as pessoas todas moram aqui, têm suas vidas aqui, a gente vai continuar fazendo nosso trabalho aqui também, sabe, Por que eu iria desmarcar”? Qual seria o grande motivo pra eu desmarcar?” (RODRIGUES, 2014, informação verbal)

O público presente neste dia ainda pode ouvir da Eliana Silva, diretora da Redes de desenvolvimento da Maré, um posicionamento em função da pacificação da Maré. Esta foi uma oportunidade de falar sobre a favela através de um viés interno, não midiático, apresentando um discurso diferenciado do difundido pela mídia televisiva.

Como mencionado neste trabalho, as atividades desenvolvidas no Centro de Artes, a Mostra Maré de Artes Cênicas é um exemplo da importância deste espaço cultural para a comunidade. Primeiro, pela oportunidade dos moradores usufruírem de espetáculos de teatro, de qualidade e gratuito. Além disso, este projeto viabiliza a geração de trabalho e renda para moradores da comunidade, valorizando a mão- de- obra local, em diversas esferas do projeto.

Eu mesma, moradora da Nova Holanda, trabalho neste projeto na função de assistente de produção, e compartilho a experiência do trabalho com outros profissionais, moradores e não moradores da favela. Esta pode, e deve ser considerada uma relevante possibilidade de troca de experiências e crescimento profissional.

Podemos enfatizar, ainda neste projeto, realizado no Centro de Artes da

Maré, que com a vinda de grupos de teatro e dança de outros lugares, e até mesmo de outras favelas, podemos contribuir para que estas pessoas vejam que na favela também temos espaços culturais de qualidade, quebrando assim, um estereótipo da visão deste lugar, vinculado apenas à ausência e a violência.

Vale ressaltar que na curadoria deste projeto, e até mesmo em outras ações pensadas para o Centro de Artes, valorizamos os grupos de teatro e dança locais, como por exemplo, a Cia Marginal, cujos integrantes são moradores do Complexo da Maré. Considero importante mencionar, que na pesquisa de campo realizada para este trabalho, e na experiência no Centro de Artes, me chamou a atenção que um dos espetáculos de maior público foi este realizado pela Cia Marginal. Isto revela que os moradores da Maré se envolvem com trabalhos dos artistas da comunidade. E principalmente que a favela também produz artistas de qualidade.

Considero que esta experiência de troca também contribui para que os alunos da UNIRIO, por exemplo, ao ter contato direto com os moradores das favelas, possam desconstruir uma visão estereotipada da favela. Além de poder trocar e dialogar com os alunos do projeto.

A oportunidade de estar no Centro de Artes como pesquisadora e como trabalhadora, me propiciou vivenciar experiências incríveis, como estas citadas. Reporto-me de outra situação que pude compartilhar no Centro de Artes. Após a pacificação, a rede em parceria com outras instituições realizam periodicamente reuniões sobre segurança pública²³ no Centro de Artes da Maré. Estas reuniões são uma oportunidade rara de diálogo entre as forças públicas de pacificação, associações de moradores, as organizações e os próprios moradores. São marcadas por um diálogo pacífico, são oportunidades de pensar a Ação das Forças de Segurança na Maré.

Tendo em vista o que fora anteriormente apresentado, poderíamos considerar que o Centro de Artes da Maré, enquanto um equipamento cultural da cidade do Rio de Janeiro, tem contribuído de forma significativa para uma construção de uma visão da favela para além dos históricos estereótipos

²³ Disponível em: <http://observatoriodefavelas.org.br/noticias-analises/mare-tera-protocolo-de-atuacao-das-forcas-de-seguranca/> . Acesso em 08/05/2014

negativos. Através de seus projetos e ações e dos constantes convites à reflexão, que estão intrínsecos na programação do espaço, podemos considerá-lo como um projeto bem sucedido, apesar de ser um processo contínuo e diário.

Há aqui uma preocupação em ser um espaço de mediação, que acolhe grupos de diferentes setores e classes sociais. Contribuindo para que as pessoas vejam e percebam que a Maré não está apenas ligada à violência. Existe um espaço cultural, aberto para circulação de espetáculos de qualidade, com a presença constante de uma companhia de dança de dança reconhecida internacionalmente, que acolhe jovens moradores locais, que ali tem a oportunidade de trocar experiências, de se reconhecer enquanto um indivíduo que pode e contribuir para uma visão diferente da favela.

Penso que cada vez mais temos que aproveitar as pequenas oportunidades de refletirmos e levar o outro a refletir sobre a importância de uma ressignificação das favelas, se apropriando por exemplo da cultura, das artes. Se faz extremamente necessária a apropriação de novas referências, em que a favela possa ser vista por um outro ângulo. Um olhar mais abrangente e preocupado com aquilo que ela tem e pode oferecer de melhor.

Principalmente concluímos que as favelas não se resumem ao crime amplamente divulgado nos principais meios de comunicação, ela não está apenas ligada à violência. Certamente deixam a desejar a divulgação da diversidade cultural das favelas e dos seus equipamentos culturais, o que contribuiria significativamente para a reconfiguração ou ressignificação do olhar das favelas, importantes solos culturais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBOSA, Jorge Luiz. "Favela: Solo cultural da cidade". In: BARBOSA, Jorge Luiz e DIAS, Caio Gonçalves (ogs.) in: Solos Culturais, Rio de Janeiro: Observatório de Favelas, 2013.
- COELHO, Teixeira. Dicionário Crítico de Políticas Culturais. São Paulo: Editora Iluminuras LTDA, 1997.
- DINIZ, Edson; BELFORT, Marcelo Castro e RIBEIRO, Paula. Memória e Identidade dos Moradores de Nova Holanda. Rio de Janeiro: Redes de desenvolvimento da Maré, 2012.
- FACINA, Adriana. "Consumo Favela". In: DANTAS, Aline; MELLO, Marisa S. e PASSOS, Pâmela [orgs.] Política Cultural com as Periferias – Práticas e indagações de uma problemática contemporânea. Assis, SP: Gráfica Storbem, 2013.
- FERREIRA, Marcelus Gonçalves. Espaço, identidade e diferença - A metáfora dos encontros urbanos no espetáculo "Pororoca" da Lia Rodrigues Companhia de Danças. Intercom – XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Recife, PE, setembro 2011..
- HALL, Stuart "Notas sobre a desconstrução do 'popular' " In: Da diáspora – Identidades e Mediações Culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: UNESCO, 2003.
- LAZARINI, Luciana de Sá. Identidades e representações das periferias no cinema brasileiro atual: notas para uma reflexão a partir dos Estudos Culturais. Disponível:<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/83143320220148787116369081577844040428.pdf>. Universidade de Brasília (acesso em 25/10/2014)
- NÓRA, Gabriela; PAIVA, Raquel. Comunidade e Humanismo prático: a representação da periferia no Rio de Janeiro. In: Comunidade e Contrahegemonia: Rotas de comunicação alternativa. Rio de Janeiro: Mauad X; FAPERJ, 2008.
- PORTO, Isabela Ribeiro. Centro de Artes da Maré - o lugar do encontro, experiências de jovens na Nova Holanda. Rio de Janeiro: UERJ/Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, 2014.
- ROCHA, Oswaldo Porto. A era das demolições: cidade do Rio de Janeiro: 1870-1920. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1995.
- SELDIM, Cláudia. As ações culturais e o espaço urbano: O caso do Complexo da Maré no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: UFRJ/FAU, 2008.

- SILVA, Jailson de Souza. Identidade, Território e práticas: A experiência do Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). Cultura e desenvolvimento. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2004.
- SILVA, Jailson de Souza e ANSEL, Thiago Araujo. Mídia e favela: comunicação e democracia nas favelas e espaços populares. Rio de Janeiro: Observatório de Favelas, 2012.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: Identidade e Diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Editora Vozes, 2005
- SOUZA e SILVA, Jailson de. ; BARBOSA, Jorge Luiz; BITETI, M.O; FERNANDES, F.L. O Que é favela , afinal. Rio de Janeiro: Observatório de Favelas,2009.
- VAZ, Lílian Fessle. Um território híbrido na Maré, RJ. Novo território cultural?. In: Políticas Culturais: Teoria e Praxis. Rio de Janeiro. Fundação Casa de Rui Barbosa, 2010. Disponível em: <http://culturadigital.br/politicaculturalcasaderuibarbosa/files/2010/09/26-LILIAN-FESSLER-VAZ.1.pdf>
- VELHO, Gilberto e KUSCHNIR, Karina. Biografia Trajetória e Mediação. In: Mediação Cultura e Política. Rio de Janeiro: Aeroplano editora,2001.
- VELLOSO, Mônica Pimenta. As Tradições Populares na Belle Époque Carioca. Rio de Janeiro: FUNARTE/ Instituto Nacional do Folclore, 1998.
- VENTURA, Zuenir. Cidade Partida. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- YÚDICE, George. A conveniência da cultura – Usos da cultura na era global. Belo Horizonte: UFMG, 2006.
- ZALUAR, Alba e ALVITO, Marcos (orgs). Um século de favela. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

Referências em sites

- GUIA DE RUAS DA MARÉ 2012. http://redesdamare.org.br/wp-content/uploads/2012/10/GuiaMare_Web.pdf (Acesso em 15/05/2014)
- IBGE:<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/imprensa/ppts/00000015164811202013480105748802.pdf> s (acesso em 08/09/2014)
- JORNAL MARÉ DE NOTÍCIAS. Disponível em: <http://redesdamare.org.br/wp-content/uploads/2013/05/Mar%C3%A9-de-Not%C3%ADcias-ed-17-maio-2011.pdf> (Acesso em 27/08/2014)
- OBSERVATÓRIO DE FAVELAS - <http://observatoriodefavelas.org.br/> (Acesso em 16/05/2014)

LIA RODRIGUES CIA DE DANÇA Disponível em:<http://www.liarodrigues.com/page46/page13/page13.html> (Acesso em 06/09/2014)

MUSEU DA MARÉ - <http://museudamare.org.br/joomla> (Acesso em 15/05/2014)

RODRIGUES, Lia. Entrevista para o RJ TV em março de 2010. http://www.youtube.com/watch?v=2fS_WpsnQA4&feature=player_embedded#>, acesso em 25/01/2011.

RODRIGUES, Lia e SOTER, Silvia. Entrevista Youtube - Centro de Artes da Maré. <http://www.youtube.com/watch?v=bbb4zLBd0VE&feature=related>>, acesso em 03/02/2011.

UNIDADES DE POLÍCIA PACIFICADORA Disponível em: http://www.upprj.com/index.php/o_que_e_upp (Acesso em 21/09/2014)

APÊNDICE 1 – Entrevista com a coreógrafa e bailarina Lia Rodrigues realizada em 12 de julho de 2014.

Optamos por uma transcrição mais fiel à fala da entrevistada, com vistas a uma maior fidelidade nas suas respostas.

Caroline Ferreira: Gostaria de saber qual foi o motivo que levou a Companhia de Dança Lia Rodrigues a escolher o Centro de Artes da Maré para desenvolver o seu trabalho na área da dança contemporânea.

Lia Rodrigues: O Centro de Artes da Maré é um projeto de dança da Companhia Lia Rodrigues e eu criei junto com a Redes. Este projeto foi criado muito antes do Centro de Artes e da nossa vinda pra a Maré.

Então... Na verdade aconteceu com o convite da Silvia Soter, diretora de cultura do Centro de Artes e da Redes de Desenvolvimento da Maré, que me convidou para conhecer o projeto que a REDES desenvolvia no Timbau, região vizinha a Nova Holanda (CEASM) que se separou e virou REDES.

- A companhia foi fundada em 1990. Eu dirigia um grande festival de dança no RJ, o Panorama. E dirigi 14 anos. Então em 2003 eu fiquei me perguntando, porque na verdade a arte contemporânea não visita certas partes da cidade. Quando você fala que é uma cidade partida, o que o Zuenir fala que é uma cidade partida e que o Barbosa fala que não é; a minha experiência, é que não é que ela é partida, a gente é que não visita às partes da cidade como se elas fossem interditadas, como se elas não existissem, né... Então eu vivi aqui no Rio de Janeiro muitos anos, sem conhecer a Maré, por exemplo, porque é muito longe da onde eu trabalhava, da onde eu vivia; então a maré não existia pra mim.

- Eu nem percebia que existia a Maré, quando eu passava no Aeroporto Internacional. Eu via que tinha uma favela imensa, mas eu não sabia o que acontecia lá, quem morava, não fazia parte do meu universo. Neste sentido é uma cidade partida, que tem lugares que a gente não visita, e que deveriam ser integrados. É partida porque tem pedaços da cidade que não têm as mesmas condições que os outros, os mesmos investimentos.

- Eu acredito que a cidade deve ser uma cidade só, é nesse sentido que eu estou aqui, é por isso que eu estou aqui, por que eu acho que a cidade merece a Maré, sabe... A cidade do Rio de Janeiro iria ganhar muito integrando a Maré, como agora têm alguns projetos que fazem isso.

- Em 2003 eu fui conhecer esse projeto (do extinto CEASM), com a Silvia, e comecei a pensar algumas ações de troca. Primeiro foi o que tinha um grupo de meninos que tinham vindo de outro projeto anterior de dança, então eu encontrei com eles e resolvi então investir em um professor que pudesse dar aula pra eles, pra que eles pudessem continuar na Casa de Cultura. Como a Casa de Cultura estava ali, então eu decidi fazer um projeto de residência (eu vou vir pra cá, vou arrumar esse espaço, vou começar a ensaiar aqui e vou começar a dar aula. Vou começar a inventar alguma coisa, não sei o que, mas eu vou fazer alguma coisa). Eu já tinha aberto um espaço no centro da cidade, no centro histórico do Rio de Janeiro, ali em frente ao [Instituto de Filosofia e Ciências Sociais/UFRJ], junto com a Lídia Freitas, que é uma diretora de teatro. Ali nós abrimos um centro de artes com o casarão histórico que estava totalmente abandonado. Nós começamos a limpar e eu fiquei lá um bom tempo.

- A Casa de Cultura seria um segundo lugar, que eu sempre tive esse desejo de fazer alguma coisa, de expandir, de ter um lugar pra eu poder trabalhar e desenvolver outras ideias, era isso que eu tinha, mas precisava de algum lugar pra acontecer, muito além da companhia, fazer suas criações, de investir na formação.

- Então a Casa de Cultura apareceu e eu comecei a investir na melhoria da Casa de Cultura e comecei a ensaiar lá. Decidi então que lá era a sede da companhia. Então ao mesmo tempo em que eu ensaiava, eu arrumava este espaço tinha uma escola de dança, que a Silvia dirigia, de 500 alunos, tinha um grupo de 10 jovens fixos e que eu dava aula, ajuda e tal, e tinha minha companhia. Então esse foi o primeiro projeto piloto, eu não vim com uma ideia pré-concebida, eu vim para aprender, para conhecer, eu vim porque eu não conhecia nada da Maré, então como eu posso inventar alguma coisa sem conhecer e sem saber como é.

- É conhecer as pessoas, entender o que eu posso contribuir o que eu posso

aprender né... Como eu posso trocar, que diálogo eu posso trocar. Ainda hoje né, e faz 10 anos que eu estou aqui, eu sinto ainda que eu estou aprendendo, escolhendo formas de fazer, criando jeitos de me relacionar. Ainda há muito que aprender. Ainda naquele momento eu fiz três criações (na Casa de Cultura). Eu apresentei lá também, aí a Redes veio para a Nova Holanda e eu vim com a Redes. Deixei tudo lá na Casa de Cultura, e comecei a andar na rua com o Tião. Andei sete meses com ele pelas ruas da Nova Holanda procurando um espaço, e um dia eu passando por aqui eu vi esse lugar, aí anotei o número do telefone e liguei para o proprietário e marquei um encontro. Ele veio até aqui, um senhor já de 95 anos, abriu aqui pra mim e eu olhei e falei assim.. Gente isso é maravilhoso! Só que não era maravilhoso, era inteiramente destruído. Mas eu via a possibilidade que tinha. Eu liguei para a Redes e falei, gente é esse o lugar vamos juntos nessa? Vamos. Então eu aluguei.

Caroline Ferreira: Em que época?

Lia Rodrigues: Em 2008.

Caroline Ferreira: E o primeiro espaço foi aonde?

Lia Rodrigues: Lá no Timbau.

Caroline Ferreira: A época?

Lia Rodrigues: Entre 2004 e 2007

- Foi uma coisa seguida da outra, não teve espaço eu trabalhei na sede da Redes, fizemos aula lá, ensaiamos lá na sala que tem meu nome, e eu me apaixonei por aqui entende, pela Maré, este é o lugar que me ensinou muito. Aí então eu vim pra cá e fiz um projetinho né, um projeto de luz, tudo, toquei a obra (tudo tem um pouco de lia). Eu conheço cada lugar daqui, cada pedacinho. Cada pedacinho deste lugar, tudo junto com a Redes.

Uma parceria completa, total, maravilhosa de um jeito muito bom que acontece.

Caroline Ferreira: A Eliana me falou uma frase assim: “Aqui a gente cria trabalho”

Lia Rodrigues: Exatamente, trabalho a gente inventa, e a Eliana é uma parceira maravilhosa. Pra mim foi muito legal, pois eu nunca tinha tido essa experiência de tocar a obra, de entender, sabe? De fazer coisa, de imaginar.

- A companhia investiu muito aqui financeiramente, todo o dinheiro que eu ganhava em viagem, tudo eu coloquei aqui então acho que é uma coisa pra ficar bem clara, às vezes têm pessoas que não sabem muito bem como é, como a relação acontece, mas tudo bem, porque isso é muito claro pra mim, pra Redes, mas algumas pessoas ainda tem certa desconfiança.

Eu estou aqui há 10 anos, eu podia estar em qualquer outro lugar e eu estou aqui, mas estou aqui de verdade, pegando no pesado, não é pegando no leve não. Eu já limpei isso aqui inteiro entende? Não saio daqui, não saio daqui. Isso vai dar certo.

- Então em 2009 a gente começou, em janeiro. Aí eu já estava ensaiando, construindo palco. O que eu acho bonito que é um projeto em parceria, não existe eu, existe nós, então tem a Silvia Soter, tem a Eliana, tem o pessoal da Redes, tem a minha companhia, a Amália. Então é um projeto... Com todas as diferenças, ele é bonito. A gente consegue conviver com as nossas diferenças, isso que eu acho mais legal. O Centro de Artes eu escolhi e fui escolhida, vamos dizer assim. Agora é minha casa, é onde eu trabalho, onde eu penso. É onde agora tem a Escola Livre de Dança da Maré. Onde eu encontro os alunos, as pessoas, onde eu faço as minhas criações, penso. Então aqui é meu lugar de trabalho, minha casa. Tenho amigos e gosto muito de estar aqui.

Caroline Ferreira: A escolha deste lugar passa por uma consciência da artista, da necessidade de troca entre os territórios/cidade/Maré?

Lia Rodrigues: Sim, mas acho que antes da minha consciência, porque é difícil separar artista do que a gente é, sou uma pessoa só, então, é como

cidadã, mais que tudo. É um desejo genuíno da minha pessoa, que é tudo misturado, da artista e não artista. Um desejo de poder partilhar o que eu aprendi na minha vida, com outras pessoas e com pessoas que eu acho que não tiveram esta oportunidade, e aprender com elas outras coisas. Então é costurar esse encontro, assim que eu sinto.

Caroline Ferreira: O Centro de Artes, se você puder falar por ele, ou a Lia Rodrigues, tem essa preocupação, dos discursos e da representação da favela, por exemplo. Essa pergunta vem muito da minha decisão pelo Centro de Artes. Ao decidir fazer uma apresentação no dia em que a favela é pacificada, existe esta preocupação? De como a favela é representada, por quê?

Lia Rodrigues: Pelo fato de eu tá aqui e de ter aprendido tanto aqui, com a Eliana e com cada um de vocês. Eu entendo de outra forma, eu tenho outra visão sobre a favela, sobre a pacificação, sobre onde eu moro, sobre a cidade, né! Mudou muito a minha percepção e tudo que eu penso. E pra mim é mais do que natural que eu fizesse a apresentação, e também é pra dizer que “como assim eu não vou fazer a apresentação, as pessoas todas moram aqui, têm suas vidas aqui, a gente vai continuar fazendo nosso trabalho aqui também, sabe, Por que eu iria desmarcar”? Qual seria o grande motivo pra eu desmarcar?

Caroline Ferreira: Tinha também esta coisa demonstrar, não sei se é uma positivação da minha parte, por que poder ser natural, de mostrar que a favela não é só isso aí?

Lia Rodrigues: Óbvio, sem dúvida! Mas isso permeia todo meu trabalho, por exemplo, a cada vez que eu viajo em qualquer lugar, o nome da Maré vai tá sendo falado, porque todo mundo fala, aonde eu vou, a Lia trabalha na Maré, então é uma oportunidade pra falar, o que é a Maré? Aí eu posso falar da Maré, de outro jeito, que não é só este mesmo jeito que as pessoas sempre adoram enfatizar, que a favela é lugar de bandido, não sei de quê, de crime, de violência, não tem nada, e aí então é a grande oportunidade de ser uma voz

que traz outra visão, outro olhar. Tem isso também na cidade.

Caroline Ferreira: Você percebe a importância deste espaço, para a produção cultural, e como um mecanismo importante de empoderamento e de reconhecimento deste lugar?

Lia Rodrigues: Eu acho que sim, mas tem que ser construído a cada dia, porque tudo isso que você falou acontece, mas onde está o investimento do poder público aqui? Se não fosse um intenso desejo, vontade e investimento da Redes, da Companhia e de outros parceiros, isso não existiria, então ainda não é importante para a cidade do Rio de Janeiro, como deveria ser, pra nós é muito, a gente acredita em tudo que você falou, mas falta outra parte. É incrível que as pessoas não enxerguem isso, que não é só o lugar, CENTRO DE ARTES DA MARÉ, é só você olhar em volta e ver o estado. Onde tá o investimento? A gente pena, pra estar onde estamos deste jeito que está. É um trabalho, cotidiano, intenso, não pode esmorecer fraquejar. Tem que acreditar, eu acredito. Vai dar certo, mas é um longo caminho pela frente, e é incrível como podem ser tão cegos, o poder público, em olhar a maravilha que é este espaço, o potencial, mas que nós vamos realizar este potencial, com eles ou sem eles. É possível, já está aqui.

Caroline Ferreira: Você poderia falar sobre a importância do seu papel para o espaço do Centro de Artes da Maré?

Lia Rodrigues: Eu faço parte de uma equipe, né! Uma equipe que pensou no Centro de Artes da Maré quando ele não existia, uma equipe que decidiu que seria importante fazer um centro de artes, aqui na Maré, na Nova Holanda. Então eu faço parte de uma equipe que pensa o CAM. O CAM tem vários projetos que estão aqui acontecendo e eu faço parte de uma equipe.

Caroline Ferreira: O Galpão se adequa as necessidades do campo artístico?

Lia Rodrigues: Eu faço adequar. Isso não existe, a gente inventa. Não existe

assim, ah! Tem um lugar ideal, não existe lugar ideal. Se você for pensar realisticamente, na ponta do lápis, é o lugar que não é ideal para o trabalho que eu faço, mas é ideal, porque eu faço ser ideal, então é possível transformar qualquer espaço, num espaço ideal, depende do seu desejo, do seu investimento completo, vontade e trabalho em equipe.

Caroline Ferreira: Tem alguma recomendação, a gente sabe que aqui tem alguns projetos financiados, tem alguma recomendação do patrocinador em que as atividades tenham algum cunho social?

Estar aqui é uma recomendação, ou parte da Lia?

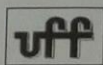
Lia Rodrigues: Imagina, você acha que alguém pensou na Maré? Você já ouviu falar isso? Eles fizeram a Lona, você viu o que é, e onde eles fizeram... Não, eles nem pensam, sou eu que proponho, quando faço meus projetos, ou a Redes faz, parte daqui, não de lá, de lá eles só recebem os projetos.

Caroline Ferreira: No CAM temos a Companhia de Dança Lia Rodrigues e a Escola Livre de Dança, na Escola Livre de Dança, os dançarinos são todos da Maré? E na companhia?

Lia Rodrigues: A Companhia é uma companhia profissional, então só podem trabalhar profissionais, do Brasil inteiro. Pode ser da Maré, pode não ser, pode ser do Alagoas, do Amazonas, vêm fazer uma audição e entra. Eu não tenho cota para a Maré, é uma companhia profissional. A escola de dança é aberta para a cidade inteira, por estar aqui, nela atende gratuitamente aos moradores da Maré, e o Núcleo 2, é formado por 19 jovens de várias partes da cidade, tem uma menina que é de São Paulo, está morando aqui, a outra também, então é uma mistura, mas majoritariamente, são moradores da Maré. É importante enfatizar, que trazer um projeto de dança da Maré, é trazer alguma coisa que a Maré não tinha possibilidade de acesso, a gente está democratizando o acesso à dança contemporânea, a dança de uma maneira geral. Os dançarinos da Cia são todos profissionais

Caroline Ferreira: Como você faz uma avaliação do CAM até agora? Suas perspectivas foram alcançadas? Quais os potenciais deste lugar?

Lia Rodrigues: O CAM é um projeto da Redes e da Companhia, ele está em constante modificação e em constante processo ainda. Ele tem muito que ganhar e já alcançou muito, então são as duas coisas ao mesmo tempo. Acho que as perspectivas são excelentes, acho que nós juntos temos projetos muito legais e vamos continuar trabalhando como sempre... Intensamente. Criando trabalho.

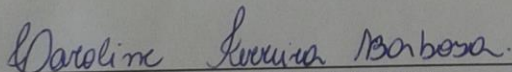


SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTE E COMUNICAÇÃO SOCIAL
COORDENAÇÃO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM PRODUÇÃO CULTURAL

AUTORIZAÇÃO PARA DIVULGAÇÃO DE MONOGRAFIA

Niterói, 12/12/2014

Eu, **CAROLINE FERREIRA BARBOSA**, CPF 132.207.417-89 formando(a) do curso de graduação em Produção Cultural da Universidade Federal Fluminense, autorizo a divulgação do conteúdo da monografia (texto integral e/ou fragmentos, respeitada a autoria) intitulada **"MEDIÇÕES E REPRESENTAÇÕES NA FAVELA: O CASO DO CENTRO DE ARTES DA MARÉ"**, defendida nesta data, em bibliotecas e sítios de divulgação de resultados científicos e acadêmicos. Para tal, comprometo-me a entregar a presente monografia em versão digital, em PDF.



CAROLINE FERREIRA BARBOSA